



**As Profecias**

**De**

**Daniel**

F.T. Wright



# *As Profecias de Daniel*

**F.T. Wright**

O estudo aqui apresentado é um extracto de quatro capítulos integrados num estudo de maior dimensão sobre os livros de *Daniel* e *Apocalipse* publicado na revista *The Messenger and News Review*, por F. T. Wright.

Na Sua infinita misericórdia e cuidado pelo Seu povo o Senhor concede à Sua igreja os dons que ela mais necessita no seu tempo.

Assim, o Altíssimo, através de Daniel, revelou as coisas que aconteceriam na História desde o Império de Babilónia até ao estabelecimento do reino eterno de Cristo, mostrando que o único reino que não passará é construído sob os princípios do governo de Deus.

Satanás tem tentado anular todos os esforços de Deus para tornar realidade a vinda desse reino eterno, mas a segura palavra da profecia prova que as vitórias de Satanás são apenas temporárias e cada uma delas somente adia a inevitável chegada desse dia. Entretanto, ele terá demonstrado totalmente o resultado do pecado e que se as suas pretensões de tomar o lugar de Cristo e de Deus para governar o mundo apenas resultam na destruição e sofrimento.

Por seu lado o verdadeiro povo de Deus também cumprirá a missão de demonstrar o carácter de Deus e viverá na perfeita justiça de Cristo demonstrando que os ferozes ataques de Satanás à sua integridade física e espiritual não os demoverão do seu propósito.

**Estudos publicados na Revista:**  
***The Messenger and News Review***  
**1996-1997**

**Versão Portuguesa JASF 2019**

## Índice

As Profecias de Daniel .....	7
Bestas e Chifres .....	13
Características da ponta Pequena .....	19
Tempo, Tempos, e Metade de Um Tempo.....	21
A Tentativa para Mudar os Tempos .....	23
A Tentativa de Mudança da Lei .....	25
A Lei de Deus .....	25
A Lei Natural .....	26
Desobediência Através da Rebelião .....	26
A Apostasia da Igreja Apostólica .....	27
O Levantamento da Ponta Pequena.....	28
Desobediência Através do Engano e da Ignorância .....	29
Obedecer ou Desobedecer.....	30
Cristo e o Sábado.....	31
Tronos e Julgamentos.....	33
O Trono do Ancião de Dias .....	34
As Quatro Criaturas Viventes .....	35
Ilimitada Mobilidade .....	36
Tronos Diferentes.....	37
Diferentes Julgamentos.....	38
Poder de Deus para resistir ao inimigo .....	40
Trono de Deus como Um Carro de Fogo .....	40
O Poder da Voz de Deus .....	40
O Poder do Inimigo.....	42
A Perseguição Adormecida.....	42
Martírio.....	43
Huss e Jerónimo .....	44
Períodos de Perseguição pelo Fogo .....	45
O Rio de Fogo Saindo do Trono de Deus .....	46
Estudo Adicional .....	48



# Capítulo 1

## As Profecias de Daniel

### Nota do autor:

No nosso estudo da parte profética do livro de Daniel é assumido que o leitor já tem uma compreensão básica do assunto. Portanto, não serão mencionados todos os pormenores na explicação das profecias.

A segunda secção do livro de Daniel começa com o capítulo 7. No nosso estudo Daniel emerge como o grande canal de comunicação do Antigo Testamento. Não é para admirar, porque, ainda jovem foi declarado acerca dele que "... a Daniel deu entendimento em toda a visão e sonhos." *Daniel 1:17*.

A sabedoria divina tinha-lhe dado o dom do Espírito de Profecia. Esta bênção tornou-se possível devido à maravilhosa pureza da sua vida. Assim ele serviu a Deus e ao rei no campo das visões e dos sonhos, enquanto aos outros três hebreus foi dado "... o conhecimento e a inteligência em todas as letras, e sabedoria." *Daniel 1:17*.

Este era um dom que a igreja de Deus necessitava nessa altura, porque o seu futuro parecia negro e sem esperança. Num tempo como esse, a voz de Deus foi ouvida em tranquila certeza revelando os acontecimentos do futuro na sua ordem, fossem bons ou maus. Os cativos em Babilónia devem ter sentido o seu espírito a subir à medida que viam que o poder do mundo ruiria completamente. Apenas pode haver um reino que dure para sempre e esse é o reino de Deus.

Com esta curta consideração das circunstâncias da igreja de Deus nessa altura, voltar-nos-emos para o estudo das profecias em si mesmas. Estas estão registadas para aqueles que estiverem vivendo nos últimos dias da história terrestre e são apresentadas para nós na forma de ferozes animais selvagens, dias e tempos simbólicos e uma imagem de diversos metais.

Perto de 2.500 anos passaram desde que estas predições foram feitas e o tempo tem tornado possível nós confirmarmos a profecia com o seu cumprimento. Em todos os casos o desenvolvimento dos acontecimentos tem sido exactamente o que a profecia nos tem levado a esperar que acontecesse. A revelação que fornece a base para o livro de Daniel foi a grande imagem mostrada ao rei Nabucodonosor no seu sonho, aquela que necessitou dos serviços de Daniel tanto para recordar o sonho como interpretar o seu significado. Olharemos de modo resumido para esta descrição dos acontecimentos futuros na forma simbólica que estabelecerá a base para a compreensão do resto do livro.

Depois de Daniel ter recebido esta luz do Céu, comunicou-a ao rei nestas palavras: "Estando tu, ó rei, na tua cama, subiram os teus pensamentos, acerca do que há de ser depois disto. Aquele, pois, que revela os mistérios te fez saber o que há de ser. E a mim me foi revelado esse mistério, não porque haja em mim mais sabedoria que em todos os viventes, mas para que a interpretação se fizesse saber ao rei, e para que entendesses os pensamentos do teu coração. Tu, ó rei, estavas vendo, e eis aqui uma grande estátua; esta estátua, que era imensa, cujo esplendor era excelente, e estava em pé diante de ti; e a sua aparência era terrível. A cabeça daquela estátua era de ouro fino; o seu peito e os seus braços de prata; o seu ventre e as suas coxas de cobre; As pernas de ferro; os seus pés em parte de ferro e em parte de barro. Estavas

vendo isto, quando uma pedra foi cortada, sem auxílio de mão, a qual feriu a estátua nos pés de ferro e de barro, e os esmiuçou. Então foi juntamente esmiuçado o ferro, o barro, o bronze, a prata e o ouro, os quais se fizeram como pragana das eiras do estio, e o vento os levou, e não se achou lugar algum para eles; mas a pedra, que feriu a estátua, se tornou grande monte, e encheu toda a terra.” *Daniel 2:29-35*.

Sem interrupção, Daniel revelou o sonho perante o monarca no seu trono. Depois de o ter feito, prosseguiu com a explicação do que cada símbolo significava. Ele demonstrou que a cada símbolo, sem excepção, foi dada a correspondente explicação, e, reciprocamente, que cada explicação tem o seu símbolo respectivo. É muito importante que reconheçamos este padrão de revelação no livro de Daniel, porque, doutro modo, não compreenderemos todas as mensagens contidas nestas maravilhosas profecias. Chegaremos a vários exemplos deste padrão à medida que prossigamos.

Aconteceu pois, que depois de apresentar todos os pormenores do sonho ao rei, Daniel, prosseguiu com a interpretação. Ele disse: “Este é o sonho; também a sua interpretação diremos na presença do rei. Tu, ó rei, és rei de reis; a quem o Deus do céu tem dado o reino, o poder, a força, e a glória. E onde quer que habitem os filhos de homens, na tua mão entregou os animais do campo, e as aves do céu, e fez que reinasse sobre todos eles; tu és a cabeça de ouro. E depois de ti se levantará outro reino, inferior ao teu; e um terceiro reino, de bronze, o qual dominará sobre toda a terra. E o quarto reino será forte como ferro; pois, como o ferro, esmiúça e quebra tudo; como o ferro que quebra todas as coisas, assim ele esmiuçará e fará em pedaços. E, quanto ao que viste dos pés e dos dedos, em parte de barro de oleiro, e em parte de ferro, isso será um reino dividido; contudo haverá nele alguma coisa da firmeza do ferro, pois viste o ferro misturado com barro de lodo. E como os dedos dos pés eram em parte de ferro e em parte de barro, assim por uma parte o reino será forte, e por outra será frágil. Quanto ao que viste do ferro misturado com barro de lodo, misturar-se-ão com semente humana, mas não se ligarão um ao outro, assim como o ferro não se mistura com o barro. Mas, nos dias desses reis, o Deus do céu levantará um reino que não será jamais destruído; e este reino não passará a outro povo; esmiuçará e consumirá todos esses reinos, mas ele mesmo subsistirá para sempre, da maneira que viste que do monte foi cortada uma pedra, sem auxílio de mãos, e ela esmiuçou o ferro, o bronze, o barro, a prata e o ouro; o grande Deus fez saber ao rei o que há de ser depois disto. Certo é o sonho, e fiel a sua interpretação.” *Daniel 2:36-45*.

Chegou a altura de nós identificarmos os símbolos com os acontecimentos que eles predizem. Nós também necessitamos de um ponto de partida. Já estava isso ali, ou anteriormente nos dias da glória dos assírios ou dos egípcios, ou mais tarde num tempo ainda futuro? A resposta a esta pergunta é muito rapidamente dada, porque, depois de descrever Babilónia como um poder mundial sob o reinado do rei Nabucodonosor, ele disse directamente ao rei, “tu és a cabeça de ouro.”

Por conseguinte, temos agora um ponto de partida que começou com a supremacia mundial de Babilónia em 609 a.C. Mas o seu domínio foi de curta duração, durou uns meros 70 anos como foi profetizado por Deus através de Jeremias. “Acontecerá, porém, que, quando se cumprirem os setenta anos, visitarei o rei de Babilónia, e esta nação, diz o Senhor, castigando a sua iniquidade, e a da terra dos caldeus; farei deles ruínas perpétuas. E trarei sobre aquela terra todas as minhas palavras, que disse contra ela, a saber, tudo quanto está escrito neste livro, que profetizou Jeremias contra todas estas nações.” *Jeremias 25:12, 13*.

Babilónia, a capital, era povoada por habitantes que acreditavam que a cidade nunca cairia. As suas fortificações eram tão maciças, os seus muros tão largos e tão altos, o seu suprimento de água tão contínuo e amplo, a sua reserva de comida tão certa e adequada, e as suas grandes portas de bronze tão impenetráveis, que parecia não haver possibilidade que a cidade pudesse cair.



“O caráter do império babilônico é indicado pela cabeça de ouro. Era o reino de ouro de uma idade de ouro. Babilônia, sua metrópole, elevou-se a uma altura nunca alcançada por suas sucessoras. Situada no jardim do Oriente, disposta em quadrado perfeito de, segundo se diz, 96 quilômetros de perímetro, ou seja 24 de cada lado; cercada por uma muralha de, como se calcula, 60 a 90 metros de altura e 25 de largura e um fosso ao redor com a capacidade cúbica da própria muralha; dividida em quadras por suas muitas ruas de 45 metros de largura que se cortavam em ângulo reto direitas e bem niveladas; seus 576 quilômetros quadrados de superfície ocupados por exuberantes jardins e lugares de recreação, entrecortados de magníficas moradas, esta cidade, com seus 96 quilômetros de fossos, 96 quilômetros de muralha exterior e 48 quilômetros de muralha de ambos os lados do rio que passava por seu centro, suas portas de bronze polido, seus jardins suspensos com terraços superpostos até alcançarem a altura das próprias muralhas, seu templo de Belo com cinco quilômetros de perímetro, seus dois palácios; reais, um de seis quilômetros de circunferência e o outro de pouco mais de doze, com seus túneis subterrâneos que, passando sob o rio Eufrates, uniam os dois palácios, sua perfeita arrumação para comodidade, adorno e defesa, e seus recursos ilimitados, esta cidade, encerrando tantas coisas que eram maravilha do mundo, era ela mesma outra maravilha mais prodigiosa. Ali, com o mundo inteiro prostrado a seus pés, como rainha de grandeza sem par, que recebeu da própria pena inspirada este brilhante título: ‘a jóia dos reinos, glória e orgulho dos caldeus’, destacava-se esta capital condizente com o reino representado pela cabeça de ouro dessa grande imagem histórica” *Daniel and the Revelation*, por Uriah Smith, 42, 43.

Porém, a segura palavra da profecia declarou que Babilônia não duraria para sempre mas transformar-se-ia verdadeiramente num monte de ruínas que nunca seria reconstruído. Outro reino simbolizado pelo peito e braços de prata devia surgir para dominar o mundo. Este foi o reino da Medo-Pérsia sob a liderança de Ciro. A cidade de Babilônia foi a última parte do reino a cair. Sitiar a cidade seria inútil e Ciro decidiu realizar pela estratégia o que por assalto não podia conseguir. Isto aconteceu em 539 a.C. do seguinte modo.

Ele ordenou aos seus soldados que desviassem o rio Eufrates para um enorme área cavada para esse propósito e assim que o rio estivesse suficientemente baixo para eles entrarem debaixo dos muros assim fizeram. Rapidamente a tropas da Medo-Pérsia estavam no interior da cidade. Tão grande foi a surpresa e tão completa a vitória, que toda a batalha foi acabada numa só noite. Babilônia, a grande cidade que era suposto governar para sempre, desapareceu da cena em menos de um século. Os medo-persas estavam confiantes que o seu império duraria para sempre sem cair, mas também ele caiu. Este acontecimento teve lugar na batalha de Arbela em 331 a.C. quando o poderoso exército grego comandado por Alexandre, o Grande derrotou o exército medo-persa sem margem para dúvidas. A Medo-Pérsia dominou o mundo durante 208 anos que foi perto de três vezes mais tempo do que a sua antecessora, Babilônia. Os seus domínios foram mais vastos mas a sua glória foi inferior, tal como simbolizado pela prata que não é tão valiosa ou bela quanto o ouro.

Os gregos simbolizados pelo ventre e pelas coxas de bronze, governaram o mundo durante 163 anos até serem obrigados a darem o seu lugar aos romanos na batalha de Pidna em 168 a.C. Desde essa altura Roma dominou o mundo até 476 d.C. quando o último imperador do ocidente foi deposto pelo germânico Odoarco. Roma durou 644 anos.

Do crescente tempo de vida dos reinos à medida que se avança, esperar-se-ia que o período de vida do poder que sucedeu a Roma fosse considerável, mas ao contrário disso, o fim do domínio de Roma marcou o final dos impérios mundiais. Nunca outra vez reinos terrestres seriam unidos sob uma única cabeça. Nisto temos uma significativa característica da profecia bíblica. Isto está certo. Porque se não estivesse, não seríamos capazes de confiar nela. Se por exemplo a história nos tivesse dado três ou cinco ou mais impérios mundiais, enquanto Daniel

dizia que eram apenas quatro, então perderíamos a confiança nas suas predições. Mas houve precisamente quatro impérios — nem mais, nem menos — tal como a profecia disse que seria.

À medida que prossigamos no estudo do resto do livro de Daniel, aprenderemos a apreciar realmente esta característica. Há grandes períodos de tempo referidos nos capítulos 7-12. A precisão destes deve ser tratada com o maior respeito, caso contrário, com certeza falharemos em entrar na luz que o Senhor tem para nós.

A seguir à desintegração e queda do Império de Roma, o reino devia ser dividido em unidades fortes e fracas nas quais devia haver a força do ferro misturada com a fraqueza do barro. Foi declarado a Daniel pelo Revelador dos Segredos que os homens tentariam por todos os meios uma vez mais juntar todo o mundo sob uma única bandeira, mas o provado Espírito de Profecia através de Daniel declarou que não será mais do que um esforço inútil.

Homens de perícia militar como Carlos Magno e Napoleão reuniram grande poder e foram movidos por poderosas ambições que não se satisfariam com menos do que a conquista de todo o mundo. Durante algum tempo parecia como se eles estivessem bem no caminho do sucesso. Atrás deles estava um trilho de morte e destruição, lares destruídos, perspectivas frustradas e esperanças destruídas. Perante eles estavam as suas poderosas aspirações. Mas sempre no dia em que a vitória estava virtualmente ao seu alcance, os seus melhores esquemas começaram a ruir e pouco depois eles próprios batiam em retirada.

Outras tentativas para unir o mundo têm sido feitas através de alianças militares, políticas, comerciais e sociais. Todavia, o resultado tem sido sempre o mesmo. Depois de um começo promissor, os participantes encontraram-se em irremediável desordem sem possibilidade de prosseguir mais. Contra todos os seus planos e esquemas a segura palavra de Deus declara que não haverá quinto império.

Uma razão para esta divisão cada vez mais profunda que atormenta a humanidade reside no facto da incapacidade de aprender as lições da causa e do efeito que são tão claramente ensinadas pelos acontecimentos da história. Para fazer isto com sucesso a pessoa deve ser capaz de compreender a verdadeira natureza da rebelião contra Deus e a razão para ela. Portanto, estabeleçamos o facto de que o homem do pecado é espiritualmente cego e, como tal, não pode discernir qual será o resultado certo de um determinado rumo de acção.

A análise da história feita pelo homem não está de acordo com os factos do caso. Ele vê na glorificação de si mesmo a sua capacidade de ultrapassar obstáculos, resolver problemas e executar grandes planos. Com grande confiança em si mesmo, vai em frente para obter a vitória. Ele não se submete à mensagem da grande imagem que transmite o mais solene aviso que todo o reino que é estabelecido pelo uso da força falhará.

Portanto, está cego para os reais factos do caso.

Necessitamos de compreender o que é que cria esta terrível cegueira destruidora de vida, de modo que possamos evitar as suas armadilhas. Ela é causada pelo afastamento da presença de Deus para um domínio onde se encontra apenas trevas e nada pode ser visto como realmente é. Este é o passo da incredulidade em Deus que é substituída pela confiança do homem em si mesmo. Quem quer que faça isto com certeza caminhará em trevas.

O homem crê apenas naquilo que vê ou sente, tal como o poder das pessoas e o poder do dinheiro. Ele crê que pelo hábil uso destes dois, todos os problemas podem ser solucionados. Isto é algo que ele pode ver e sentir e portanto acreditar. A disposição do homem para deixar de crer no que não pode ver é especialmente verdade a respeito das coisas espirituais. Ele não colocará a sua confiança num Deus que os seus olhos não podem. Todavia, isto não é afirmar que acredita em tudo o que vê, porque a mensagem da imagem é muito clara para ser vista, mas ele continua a não acreditar. O que podia ser mais claramente apresentado do que a relação entre a causa e o efeito como revelado no levantamento e queda dos grandes impérios da profecia e também de nações mais pequenas?

Ali está mostrado que todos os reinos do mundo na sua escalada para o poder têm usado os mesmos princípios de operação que os seus antecessores, demonstrando com isso que nada aprenderam com o passado. O rei de Babilónia, o poderoso Nabucodonosor, com certeza não, pois usou as mesmas tácticas e armas usadas pelos assírios a quem venceu. Por seu lado, os medo-persas seguiram as pisadas dos babilónios e assim os poderes deste mundo têm seguido através de gerações após gerações de terríveis conflitos sem verem e adoptarem quaisquer princípios de justiça. Tudo o que aprenderam foi como odiar os seus inimigos mais implacavelmente e como inventar armas com as quais possam matar cada um dos outros mais eficazmente.

Uma pessoa podia admirar-se porque é que este desperdício de vida humana tem que continuar, mas este é o inevitável resultado do pecado. A fim de terminar o grande conflito, o pecado tem que desenvolver-se até ao seu pior aspecto e a justiça em contraste tem que desenvolver-se até ao seu radiante melhor. Esta exaustiva procura das questões críticas levantadas por Satanás na sua tentativa para vencer o governo divino tem que se permitir continuar até toda a dúvida possível da verdade e do erro tenha sido tornada clara e esclarecida para sempre. Então a justiça e a misericórdia de Deus e o Seu tratamento com o grande conflito será completamente vindicado, de tal maneira que será totalmente impossível ao pecado voltar a manifestar-se outra vez. Para estudo adicional sobre esta questão, vede *Os Sete Anjos*, por F.T. Wright.

Neste ponto aparece outra contradição aparente. Embora Daniel fosse informado que apenas existiriam quatro impérios na história humana com início em Babilónia, depois do que todas as tentativas de reunir as nações teriam um consistente fracasso, haverá de facto — “Haverá um laço de união universal, uma grande harmonia, uma confederação das forças de Satanás.” — “Na peleja a ser travada nos últimos dias unir-se-ão, em oposição ao povo de Deus, todos os poderes corruptos que apostataram da obediência à lei de Jeová.” *The S.D.A. Bible Commentary*, 7:983.

Assim parecerá haver mais um império mundial, mas não é assim, porque, estes poderes estarão unidos apenas na oposição à lei de Deus. Não será uma união como a encontrada nos quatro reinos descritos no livro de Daniel, porque a profecia diz que o barro e o ferro não se misturarão.

Contudo, haverá um reino que está a subir ao poder sob o símbolo da pedra cortada do monte sem mãos e que crescerá num grande monte que encherá toda a Terra. Deus é o construtor deste reino, que será o único que nunca passará mas reinará e governará para todo o sempre. Este é o reino no qual todo o crente em Jesus desejará ter um lugar. Lamentavelmente, muitos falharão em entrar tal como Cristo nos avisa: “Entrai pela porta estreita; porque larga é a porta, e espaçoso o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela.” *Mateus* 7:13, 14.

A razão para isto está na indisposição de tantos para sacrificar o caminho no qual determinaram que o caminho de Deus devia ser construído. Se o Senhor construísse o Seu reino da forma como eles crêem que ele devia ser construído, então os homens com satisfação seguiriam as Suas indicações. O Céu tornar-se-ia um lugar muito popular.

Através do simbolismo da grande imagem, Deus lançou um apelo muito poderoso a toda a raça humana a fim de deixar os procedimentos amaldiçoados pelo pecado e entrar nos Seus seguros e rectos caminhos. Claramente apresentados perante todos está o resultado de ambos os procedimentos. Em cada ocasião em que um novo reino se levanta para conseguir os reinos do poder e supostamente pretende dar um governo estável aos seus súbditos, uma observação simples e análise dos seus métodos para chegar a este feliz objectivo é tudo o que é requerido para predizer o futuro da nação a menos que ela mude o seu caminho entretanto. Por outras palavras, uma vez que o sistema de construção do reino usado por Babilónia foi adoptado pela

Medo-Pérsia, então a sua destruição era tão certa quanto a de Babilónia. Nenhum outro resultado era possível a menos que, através do profundo arrependimento, os princípios de operação de Babilónia tivessem mudado para os caminhos da justiça e paz.

Tal como é com as nações, assim é com as pessoas individualmente. Se desejardes saber onde é que a vida que agora levais eventualmente vos conduzirá, então necessitais apenas de determinar que caminho estais a trilhar. Se estais a construir no mesmo caminho em que Babilónia construiu o seu poder e glória, então a vossa vida terminará em fracasso. Mas se construídes de acordo com o caminho da Pedra que se transformou num grande monte que encherá toda a Terra, então toda a eternidade não será suficiente para exaurir a vossa vida.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Um reverente, sincero estudo de *Testemunhos para Ministros e Obreiros Evangélicos*, 112-119, transcrito em anexo, é vivamente recomendado.

## Capítulo 2

# Bestas e Chifres

Agora que passámos por uma breve revisão da profecia básica de *Daniel*, nomeadamente, a grande imagem do capítulo dois, estamos prontos para fazer uma investigação mais detalhada da mensagem de *Daniel* 7.

Este capítulo está dividido em três partes, sendo a primeira a apresentação da visão e dos seus vários símbolos. A última secção que dá a explicação dos símbolos é encontrada nos versículos 23-28. Na secção intermédia, os versículos 15-22, Daniel está perturbado pelo que lhe tinha sido revelado e dirige-se a uma das pessoas na sua frente para encontrar a resposta. Em dois curtos versículos a mensagem da profecia e da sua interpretação são dadas como se segue:

“Estes grandes animais, que são quatro, são quatro reis, que se levantarão da terra. Mas os santos do Altíssimo receberão o reino, e o possuirão para todo o sempre, e de eternidade em eternidade.” *Daniel* 7:17, 18.

Satisfeito por ter recebido mais essa luz, Daniel insiste na sua pergunta como está escrito nos versículos 19-22. De acordo com a regra estabelecida no capítulo anterior, todo o símbolo tem que ter uma explicação correspondente e toda a explicação tem que ter um símbolo. Portanto, esperamos que uma explicação para cada símbolo seja dada e verificaremos que este é com certeza o caso.

Assim, primeiramente tornar-nos-emos familiares com a profecia em si mesma e depois disto ocupar-nos-emos com a respectiva interpretação dos símbolos. Daniel relatou aquilo que viu nestas palavras:

“No primeiro ano de Belsazar, rei de Babilônia, teve Daniel, na sua cama, um sonho e visões da sua cabeça; escreveu logo o sonho e relatou a suma das coisas.

“Falou Daniel e disse: ‘Eu estava olhando, na minha visão da noite, e eis que os quatro ventos do céu combatiam no mar grande.

“E quatro animais grandes, diferentes uns dos outros, subiam do mar.

“O primeiro era como leão e tinha asas de águia; eu olhei até que lhe foram arrancadas as asas, e foi levantado da terra e posto em pé como um homem; e foi-lhe dado um coração de homem.

“Continuei olhando, e eis aqui o segundo animal, semelhante a um urso, o qual se levantou de um lado, tendo na boca três costelas entre os seus dentes; e foi-lhe dito assim: Levanta-te, devora muita carne.

“Depois disso, eu continuei olhando, e eis aqui outro, semelhante a um leopardo, e tinha quatro asas de ave nas suas costas; tinha também esse animal quatro cabeças, e foi-lhe dado domínio.

“Depois disso, eu continuava olhando nas visões da noite, e eis aqui o quarto animal, terrível e espantoso e muito forte, o qual tinha dentes grandes de ferro; ele devorava, e fazia em pedaços, e pisava aos pés o que sobejava; era diferente de todos os animais que apareceram antes dele e tinha dez pontas.

“Estando eu considerando as pontas, eis que entre elas subiu outra ponta pequena, diante da qual três das pontas primeiras foram arrancadas; e eis que nessa ponta havia olhos, como olhos de homem, e uma boca que falava grandiosamente.

“Eu continuei olhando, até que foram postos uns tronos, e um ancião de dias se assentou; a sua veste era branca como a neve, e o cabelo da sua cabeça, como a limpa lã; o seu trono, chamava de fogo, e as rodas dele, fogo ardente.

“Um rio de fogo manava e saía de diante dele; milhares de milhares o serviam, e milhões de milhões estavam diante dele; assentou-se o juízo, e abriram-se os livros.

“Então, estive olhando, por causa da voz das grandes palavras que provinha da ponta; estive olhando até que o animal foi morto, e o seu corpo, desfeito e entregue para ser queimado pelo fogo.

“E, quanto aos outros animais, foi-lhes tirado o domínio; todavia, foi-lhes dada prolongação de vida até certo espaço de tempo.

“Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha nas nuvens do céu um como o filho do homem; e dirigiu-se ao ancião de dias, e o fizeram chegar até ele.

“E foi-lhe dado o domínio, e a honra, e o reino, para que todos os povos, nações e línguas o servissem; o seu domínio é um domínio eterno, que não passará, e o seu reino, o único que não será destruído.” *Daniel 7:1-14.*

Nesta visão são usadas estranhas bestas ferozes para simbolizar as quatro nações que se levantaram e caíram desde o tempo de Babilónia. Um leão com duas asas, um urso selvagem, um leopardo com quatro asas e uma besta que era tão terrível que jamais se vira coisa alguma assim na Terra. Não há dúvida que cada besta simbolizava um reino, porque isto é claramente declarado no versículo 17. “Estes grandes animais, que são quatro, são quatro reis, que se levantarão da terra.”

É dito que estas bestas ou reinos se levantam de um mar tempestuoso. Ventos são símbolo de lutas como lemos: “Falou Daniel, e disse: Eu estava olhando na minha visão da noite, e eis que os quatro ventos do céu agitavam o mar grande.” *Daniel 7:2.* Em *Apocalipse 17* um anjo explicou que águas representam “povos, e multidões, e nações, e línguas.” *Apocalipse 17:15.*

“Ventos são símbolos de contendias. Os quatro ventos do céu a combaterem no mar grande, representam as terríveis cenas de conquista e revolução, pelas quais os reinos têm atingido o poder.” *O Grande Conflito, 439, 440.*

Exactamente como em *Daniel 2* os quatro reinos de extensão mundial deviam levantar-se em sequência, assim há quatro grandes bestas simbolizando reinos surgindo de um mar tempestuoso. Primeiramente o leão com asas denotando um reino de grande poder e rapidez, até que as asas são arrancadas e levantado e posto em pé como um homem. Já não era forte e em breve caiu presa da besta que veio a seguir a ele. Essa primeira besta é o símbolo de Babilónia.

Em seguida veio um grande urso, o símbolo da Medo-Pérsia. Embora esta nação conquistadora fizesse algumas grandes coisas por Deus e Seu povo pelas quais foi possível reconstruir a cidade de Jerusalém e o templo, apesar disso, a iniquidade foi encontrada nela. “O reino medo-persa foi visitado pela ira do Céu porque neste reino a lei de Deus foi pisada a pés. O temor do Senhor não encontrou lugar nos corações do povo. As influências prevaletentes na Medo-Pérsia foram impiedade, blasfémia e corrupção.” *The S.D.A. Bible Commentary 4:1168.*

Depois desta veio o leopardo com quatro cabeças e quatro asas. Este animal é um animal muito rápido. O pensamento que é aqui estabelecido é que o leopardo com quatro asas seria muito rápido na conquista das outras nações. Não há dúvida a respeito de quem era o leopardo. Era o reino da Grécia. Uma característica especial do seu levantamento foi a rapidez com que sob a chefia de Alexandre o Grande, subjugou nação atrás de nação e as juntou ao registo dos seus triunfos. Uma segunda particularidade foi que, depois de uma morte prematura, o seu

reino não continuou como um todo unido mas foi dividido em quatro divisões pelos seus quatro generais, Ptolomeu, Cassandro, Lisímaco e Seleuco. Ptolomeu, o rei do sul e Seleuco, rei do norte, desempenharão um papel importante na nossa compreensão dos acontecimentos finais que acompanharão o final da história humana. Veremos isto à medida que prossigamos.

Agora vem a quarta e última besta que era tão singular e terrível que prendeu totalmente a atenção de Daniel e portanto, procurou uma melhor compreensão da natureza desta besta e sua oposição ao Altíssimo Senhor. Esta quarta besta é o mesmo reino em *Daniel 2*, o reino de ferro e como tal é o símbolo de Roma pagã. Ela governou o mundo desde a queda do Império grego até a sua própria queda estar completa em 476 d.C.

Quando lemos acerca do terrível trabalho de guerra usado por este reino contra a igreja de Deus, compreendemos a razão do interesse de Daniel neste opressor do povo de Deus e partilhou com ele um profundo desejo de compreender melhor quem ela era e qual o seu papel como inimiga de Deus e do Seu povo. Estas perguntas não são difíceis de responder, porque verificamos que a ponta pequena tem a mesma lista de características e efectua a mesma obra que a própria quarta besta. Portanto, identificar uma é positivamente identificar a outra.

Nesta fase precisamos de confirmar que as pontas que crescem da cabeça da besta representam reinos que são uma parte dessa besta ou império. Isto é claramente declarado no versículo 24. “E, quanto aos dez chifres, daquele mesmo reino se levantarão dez reis; e depois deles se levantará outro, o qual será diferente dos primeiros, e abaterá a três reis.” *Daniel 7:24*.

Agora é tempo para identificar de modo positivo quem ou o que é representado pela ponta pequena. Ela levanta-se do quarto reino assim não se pode levantar senão do Império Romano. Então as dez pontas são dez reinos, mas nenhum deles são impérios mundiais. Uma vez que elas surgem da besta, a besta tem que estar ali antes delas. Por isso, a besta vem primeiro e depois as dez pontas, cada ponta representando um rei que era toda a Roma. O Império Romano desintegrou-se sob a investida de poderosas tribos. Estas foram: os Visigodos, Ostrogodos, Suevos, Vândalos, Hérulos, Francos, Burgúndios, Lombardos, Hunos e Anglo-Saxões. O sucesso destas dez tribos sobre o Império Romano tem a data de 476 d.C., contudo, isto não significa que o Império Romano deixou de existir completamente nessa altura. Ele continuou a existir depois disso, mas esta data marca um ponto de retorno. Por outras palavras antes desta data o destino do Império Romano ainda não estava selado. Mas depois não havia qualquer esperança que o Império Romano evitasse a aniquilação final. Era tudo uma questão de tempo.

Depois das dez pontas terem sido estabelecidas, outra ponta fez sentir a sua presença entre elas levantando-se depois mesmo no meio delas. O crescimento de reinos neste mundo quase sempre significa a queda de outros e assim verificamos que três pontas são arrancadas pela ponta pequena. O resultado é que sete das primeiras dez ficaram, mais a ponta pequena agora localizada no meio das sete.

Quem foram então as três pontas que foram arrancadas pela ponta pequena? Foram os Hérulos, os Vândalos e os Ostrogodos. Os Hérulos foram arrancados em 493 d.C. expulsos da Itália. Os Vândalos no Norte de África foram os seguintes a serem destruídos. Justiniano que era nessa altura o imperador da parte oriental de Império Romano com capital em Constantinopla, realizou isto enviando o seu exército contra eles sob o comando de Belisário em 533-534 d.C. A campanha militar foi tão bem sucedida que os Vândalos desapareceram da história. Depois de ter feito isto, o General Belisário invadiu a Itália e expulsou os Ostrogodos. Em 538 d.C. a obra estava completa. Foi a partir desta data que a ponta pequena, tendo-se estabelecido no lugar das três começou a reinar.

Nenhuma das primeiras dez pontas tinha olhos nem uma boca dizendo com presunção palavras cujo parecer era maior do que os seus companheiros, mas a ponta pequena tinha. No que respeita a isto ela era diferente das outras restantes sete. Tinha capacidades que elas não

tinham e portanto podia falar presunçosamente e perseguiria os santos do Altíssimo. Ela pretenderia mudar os tempos e a lei. Faria estas coisas durante um período de tempo descrito como um tempo, tempos e metade de um tempo.

Tomemos agora estes pontos um a um até as evidências juntas identificarem irrefutavelmente quem é realmente o poder da ponta pequena.

A primeira destas é que ela “... proferirá palavras contra o Altíssimo.” *Daniel 7:25*. Estas poucas palavras abrem um vasto campo de verdade abrangendo todo o grande conflito que começou quando Lúcifer procurou exaltar-se acima de Deus. Isto é o que significa falar presunçosamente contra o Altíssimo. É um facto que toda a apostasia da verdade, princípio e poder de Deus, se tem manifestado numa tentativa de estabelecer o homem acima do divino. Esta progressão da luz para as trevas, da justiça para o pecado, é aquela que todas as pessoas que procuram um lugar no reino de Deus devem entender.

Quando Jesus veio à nação judaica para afastar as trevas causadas pela perda da justiça da parte do homem e admitir a gloriosa luz da salvadora verdade, encontrou a disposição do homem para governar os outros homens no lugar de Deus verdadeiramente muito forte. Isto era tão evidente que estava presente mesmo entre os discípulos ao ponto de revelarem uma determinação de governar sobre Aquele que era o Filho de Deus. Uma das mais claras revelações desta disposição veio ao de cima na ocasião em que Cristo alimentou a multidão com os pães e os peixes. Depois, foi quando o povo viu nos extraordinários poderes de Cristo a capacidade de expulsar os romanos do seu trono e decidiram explorar esta oportunidade ao máximo. Por isso o povo tentou levar Cristo pela força e obrigá-l’O a usar o Seu poder como eles pensavam que ele devia ser usado.

“Mas aquele que beber da água que eu lhe der nunca terá sede, porque a água que eu lhe der se fará nele uma fonte de água que salte para a vida eterna. Disse-lhe a mulher: ‘Senhor, dá-me dessa água, para que não mais tenha sede, e não venha aqui tirá-la.’” *João 6:14:15*.

“Em seu entusiasmo, o povo estava disposto a coroá-Lo imediatamente Rei. Vêem que Ele não faz nenhum esforço para atrair a atenção ou conquistar honras para Si. A esse respeito, difere essencialmente dos sacerdotes e principais, e temem que não venha nunca a reclamar Seus direitos ao trono de Davi. Consultando-se entre si, concordaram em apoderar-se dEle por força, e proclamá-Lo rei de Israel. Os discípulos unem-se à multidão em declarar que o trono de Davi é a legítima herança de seu Mestre. É a modéstia de Cristo, dizem, que O faz recusar essa honra. Que o povo exalte seu Libertador. Que os arrogantes sacerdotes e principais sejam forçados a honrar Aquele que vem revestido de autoridade divina.” {DTN 260}, *O Desejado de Todas as Nações*, 378.

Da maneira mais firme Cristo recusou-lhes a permissão para levarem avante o seu esquema. Em vez disso, mandou a multidão para casa e deu ordem aos discípulos para atravessarem o lago para Cafarnaum. Eles obedeceram muito relutantemente apenas porque não tinham poder para forçar Cristo a obedecer-lhes.

Desde então até à crucifixão houve mais destas lutas pelo poder à medida que cada um entre os doze procurava o lugar mais alto no reino para si próprio. Por fim, no serviço do lava-pés, aqueles homens excepto Judas foram totalmente limpos da sua disposição de governar os seus semelhantes, mas isto não era verdade acerca daqueles que se juntaram à recentemente formada nova igreja no derramamento da chuva temporã. Mesmo entre os que tinham recebido a mensagem no poder do Espírito Santo estavam alguns que ainda tinham a convicção que era seu dever ordenar aos outros obreiros que trabalhassem de acordo com as suas opiniões de como a obra devia ser realizada. Vede *Atos dos Apóstolos*, 400 {AA 223}; e *Entrando no Repouso do Sábado de Deus*, por F.T. Wright, capítulos 10 e 11.

As coisas chegaram a um elevado ponto quando Paulo regressou a Jerusalém da sua última viagem missionária. Os dirigentes foram impressionados até à profunda convicção à medida



que Paulo relatava as grandes coisas que Deus tinha feito pelo Seu povo, mas, em vez de se arrependem da sua teimosa incredulidade, exigiram que ele mudasse o seu proceder de modo a reconhecê-los como sua cabeça, posição que apenas Cristo podia ocupar.

“Foi essa uma áurea oportunidade para todos os irmãos dirigentes francamente confessarem que Deus operara por Paulo, e que haviam por vezes errado, permitindo que os boatos dos inimigos despertassem neles inveja e preconceito. Mas em vez de se unirem num esforço a fim de fazer justiça àquele que fora ofendido, deram-lhe um conselho que revelava nutrirem ainda a idéia de que Paulo devesse ser em grande parte responsabilizado pelos preconceitos existentes. Não se puseram nobremente ao lado dele para defendê-lo, esforçando-se por mostrar aos desgostosos irmãos onde eles próprios estiveram errados, mas procuraram criar um compromisso aconselhando-o a seguir um caminho que na opinião deles removeria toda causa de equívoco.” {AA 225}, *Atos dos Apóstolos*, 403.

Eles começaram a sua resposta dizendo o que consideravam ser um grave problema, a terrível ameaça da violenta perseguição. Os dirigentes em Jerusalém tinham concluído que isto era devido ao “desrespeito” da parte de Paulo pelas leis cerimoniais, quando de facto, era devido à pregação do evangelho. Desse modo tinham elaborado uma solução que envolvia Paulo realizar um requisito cerimonial a fim de “provar” que ele respeitava a lei. Tendo feito o que pensavam ser um plano perfeito, disseram muito significativamente, “portanto, faz o que te dizemos...” Tragicamente, isso foi o que Paulo fez. O que eles deviam ter dito era, “Portanto, faz o que Cristo a Cabeça da igreja te disser para fazer.” Porém, Paulo colocou-se sob a cabeça de outro homem e por isso ajudou ao estabelecimento na igreja apostólica do reino do mistério de iniquidade, o sistema do homem que governa o homem no lugar de Deus.

A rendição de Paulo às exigências dos dirigentes em Jerusalém não podia ter sido mais prejudicial para a causa da justiça. As perdas sofridas foram terríveis. Na igreja, ele foi o grande campeão do mistério de Deus, que é a perfeita e completa resposta ao mistério da iniquidade. As suas acções em resposta aos irmãos dirigentes resultaram no seu aprisionamento e a passar parte da vida que lhe restava em prisões romanas, excepto durante um intervalo de relativa curta duração. Isto permitiu que os dirigentes da igreja se estabelecessem mais rápida e firmemente no lugar da autoridade que eles criam ser a sua. Inicialmente a declaração de ocupação do trono do poder e glória não era tão explicitamente declarado. A disposição para governar no lugar de Deus não era tão grande como se tornou alguns séculos depois quando o homem do pecado se estabeleceu realmente sobre as nações e povos do mundo.

Foi então que a igreja apóstata, que conhecemos como o papado e que se desenvolveu a partir de erros não corrigidos continuados pelos irmãos dirigentes de Jerusalém nos dias de Paulo, viera audaciosamente em defesa da posição errada que a cabeça da igreja na Terra substituiu a verdadeira Cabeça, Jesus Cristo. Isto tem um forte argumento nos escritos autorizados dessa igreja como o testemunho acerca de *Daniel 7:25* em *The S.D.A. Bible Commentary* 4:831 mostra. Este testemunho é uma cópia do material duma grande enciclopédia católica romana escrita durante o século XVIII. Ele lê-se como se segue:

“O papa é de tão grande dignidade e exaltado que não é um simples homem, senão como se fosse Deus, e o vigário de Deus. . . .

“Daí que o papa porta uma coroa tríplice, como rei do céu, da terra e das nações inferiores. . . .

““O papa é como se fosse Deus na terra, só soberano dos fiéis de Cristo, principal rei de reis, que tem a plenitude do poder, a quem o Deus onipotente confiou não só a condução do terreno, como também do reino celestial. . . . O papa tem tão grande autoridade e poder que pode modificar, explicar ou interpretar ainda as leis divinas. . .

“O papa pode modificar a lei divina, visto que o seu poder não é do homem mas sim de Deus, e atua como vice-gerente de Deus sobre a terra com o mais amplo poder de ligar e desligar as suas ovelhas.

“O que quer que seja dito que o próprio Deus, e o Redentor, fazem, isto o seu vigário faz, contanto que não faça nada contrário à fé.” (Traduzido de Lucius Ferraris, "Papa II", prompta Bibliotheca, Vol. VI, pp. 25-29.)

Este é apenas um exemplo de muitas outras reivindicações e afirmações que podem ser citadas para demonstrar que o papado activamente ensina que o papa é exaltado acima dos poderes do Céu e da Terra e que o Papa pode modificar, alterar e interpretar as leis de Deus. Estas são muito certamente as expressões de grandes e presunçosas palavras contra o Altíssimo e essa audácia seria difícil de exceder. Isto coloca um mero, pecaminoso, homem mortal na posição de Deus sobre o trono d'Ele, um conceito que todo o verdadeiro, inteligente cristão rejeita de todo o coração. Este é o inevitável resultado do espírito de domínio do homem pelo homem que devia ter sido banido nos primeiros dias da igreja cristã mas não foi.

Colocar o homem sobre o homem na igreja apenas pode produzir a espécie mais terrível de males, como o conhecimento que vem de cima nos tem revelado. A posição do homem sobre o homem na igreja requer que a presente Cabeça Jesus Cristo, seja substituída por outra, neste caso o Pontífice Romano. Mas que fraca substituição que o melhor da humanidade podia dar. Pior ainda, não importa quão justo um homem possa ser, ele nunca podia desempenhar o papel vital de ligar a separação que divide o homem do seu Criador. Cristo é o único Salvador.

“E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos.” *Atos 4:12*.

Então, até agora aprendemos em *Daniel 7* que devia haver quatro impérios, o último dos quais era o Império Romano que governou o mundo de 168 a.C. até 476 d.C. Este poderoso império devia por fim cair em decadência e ser dividido em dez reinos os quais já enumerámos.

Então havia de levantar-se depois dos dez e no meio deles, outra ponta pequena, que arrancou as três primeiras e que falaria com presunção palavras contra Deus. Ligamos estas especificações ao papado por este ser o único poder que cumpre estes pormenores no tempo especificado. Há muito mais a ser aprendido de *Daniel 7* como descobriremos nos capítulos que se seguem.

## Capítulo 3

# Características da ponta Pequena

No último capítulo começamos a explicar as características da ponta pequena. Ela tem uma boca com a qual diz palavras presunçosas significando que se exalta a si mesma acima de Deus e toma o Seu lugar. No tempo do Império Romano houve um poder que tentou fazer isto, nomeadamente o papado, que declarou ser ele mesmo deus na Terra, tendo autoridade sobre a Terra e também no Céu. Também afirmou ter o poder para mudar, explicar e interpretar as leis divinas.

A característica seguinte da ponta pequena é que “persegue os santos do Altíssimo.” *Daniel* 7:25. A mesma verdade é declarada nestas palavras: “Eu olhava, e eis que este chifre fazia guerra contra os santos, e prevaleceu contra eles.” *Daniel* 7:21. Por outras palavras, perseguições fazem parte do carácter da ponta pequena.

Perseguição é a aplicação da pressão sobre outra pessoa a fim de a obrigar a conformar-se com uma certa forma de pensar e agir. O primeiríssimo exemplo disto na história humana foi Caim que perseguiu o seu irmão Abel, acabando por matá-lo. A questão era puramente religiosa, sendo ela que religião podia Deus aceitar – a de Caim ou de Abel. Ao consumir a oferta de Abel, Deus deu uma incontestável evidência de que a religião de Abel era a verdadeira. Em tempo algum Abel ameaçou Caim, porque nele estava o manso espírito do amor cristão, contudo Caim matou o seu único irmão.

“E Abel também trouxe dos primogênitos das suas ovelhas, e da sua gordura; e atentou o Senhor para Abel e para a sua oferta. Mas para Caim e para a sua oferta não atentou. E irou-se Caim fortemente, e descaiu-lhe o semblante... E falou Caim com o seu irmão Abel; e sucedeu que, estando eles no campo, se levantou Caim contra o seu irmão Abel, e o matou.” *Génesis* 4: 4, 5, 8.

Tal como lemos nos versículos 6 e 7 de *Génesis* 4, o Senhor, que não aceitara o sacrifício de Caim, falou-lhe e avisou-o, “Mas, em vez de reconhecer o seu pecado, Caim continuou a queixar-se da injustiça de Deus, e acalentar inveja e ódio a Abel. Rancorosamente censurou seu irmão, e tentou arrastá-lo à controvérsia com respeito ao trato de Deus para com eles. Com mansidão, se bem que destemida e firmemente, Abel defendeu a justiça e bondade de Deus. Indicou o erro de Caim, e procurou convencê-lo de que a falta estava com ele. Acentuou a compaixão de Deus ao poupar a vida de seus pais, quando Ele os poderia ter punido com morte instantânea, e insistiu em que Deus os amava, ou então não haveria dado a Seu Filho, inocente e santo, para sofrer a pena em que eles tinham incorrido. Tudo isto fez com que a ira de Caim mais se acendesse. A razão e a consciência lhe diziam que Abel tinha razão; mas ele estava enraivecido de que aquele que estivera acostumado a atender seus conselhos pretendesse agora discordar dele, e de que não pudesse ganhar simpatia em sua rebeldia. No furor de seu ódio, matou o irmão.” {PP 42}, *Patriarcas e Profetas*, 74.

As verdades apresentadas neste parágrafo tornam muito claro que a perseguição não tem lugar no carácter e caminhos de Deus. Ele não usa táticas de pressão de qualquer tipo ou forma a fim de ganhar súbditos para o Seu reino. No Jardim do Éden, Deus fez o homem com completa liberdade de escolha como está escrito: “Posto que fossem criados inocentes e santos, nossos primeiros pais não foram colocados fora da possibilidade de fazer o mal. Deus poderia tê-los criado sem a faculdade de transgredir Suas ordens, mas em tal caso não poderia haver desenvolvimento de carácter; serviriam a Deus não voluntariamente, mas constrangidos. Portanto Ele lhes deu o poder da escolha, a saber, o poder de prestar ou não obediência. E antes que pudessem receber, em sua plenitude, as bênçãos que Ele lhes desejava transmitir, seu amor e fidelidade deveriam ser provados.” *Educação*, 23.

Ao dar aos seres humanos o poder de escolha, o direito de obedecer ou desobedecer, Deus colocou-Se onde não podia puni-los pelo exercício dessa escolha, não importa quão mau isso possa ser. Portanto, de acordo com o Seu carácter e Seus caminhos, Deus não perseguiria Caim punindo-o por causa da sua escolha errada ao matar Abel. Deus não exerce qualquer espécie de pressão de modo a forçar alguém a obedecer. Pelo contrário Ele respeita o direito de escolha do homem, depois deixa-o sofrer as consequências da sua própria escolha. No caso de uma decisão errada, se Deus usasse o poder opressor, contradir-se-ia a Si mesmo. Mas Deus é consistente. Ele não diz uma coisa agora e em seguida outra. De acordo com a constituição do Seu reino, Ele não trabalha por meio da coerção ou força.

Uma vez que a perseguição é a aplicação da força para produzir obediência, é uma admissão do opressor que tem falta de poder salvador pelo qual as almas são ganhas para a vida eterna. A perseguição não pode fazer a sua terrível obra sem exercer o poder opressor. Portanto, ela nunca pode vir de Deus, porque Ele nunca obriga o homem a servi-l’O. “Não faz parte da missão de Cristo compelir as pessoas a recebê-Lo. É Satanás, e homens manejados por seu espírito, que procuram forçar a consciência. Sob pretenso zelo pela justiça, homens confederados com anjos maus levam algumas vezes o sofrimento a seus semelhantes para convertê-los a suas idéias de religião; mas Cristo está sempre mostrando misericórdia, sempre procurando salvar pela revelação de Seu amor. Ele não admite rival na alma, nem aceita serviço parcial; deseja somente serviço voluntário, voluntária entrega do coração constrangido pelo amor.” {AA 303}, *Atos dos Apóstolos*, 541.

Esta curta explicação do carácter de Deus mostra que a ponta pequena de *Daniel 7* não pode ser de Deus, porque ela pratica esses princípios injustos que nunca são encontrados sob o governo de Deus. E embora reclame o lugar de Deus para si mesma, não é um poder estabelecido por Deus. A história revela que o papado, apesar das suas afirmações de representar Deus na Terra, tem operado por meio da injustiça. Pela sua mão, literalmente milhões de cristãos que estavam preparados para sacrificar as suas vidas pela verdade, foram perseguidos, atormentados e martirizados. A Inquisição foi um terrível agente sob o controle de Satanás para destruir os filhos de Deus como lemos:

“No século XIII foi estabelecido a mais terrível de todas as armadilhas do papado — a inquisição. O príncipe das trevas trabalhava com os dirigentes da hierarquia papal. Em seus concílios secretos, Satanás e seus anjos dirigiam a mente de homens maus, enquanto, invisível entre eles, estava um anjo de Deus, fazendo o tremendo relatório de seus iníquos decretos e escrevendo a história de ações por demais horrorosas para serem desvendadas ao olhar humano. ‘A grande Babilônia’ estava ‘embriagada do sangue dos santos.’ Os corpos mutilados de milhões de mártires pediam vingança a Deus contra o poder apóstata.” *O Grande Conflito*, 59, 60.

Muitos livros podiam ser adicionados aos que já foram escritos revelando os pormenores destas atrocidades. Mas, já considerámos o suficiente aqui para expor o carácter de

perseguição e dos seus perseguidores e para demonstrar que esta é uma marca identificadora do papado que não só usa a força mas também o fez no tempo exacto predito na profecia.

## **Tempo, Tempos, e Metade de Um Tempo**

Por agora passaremos à especificação seguinte que se lê: “E procurará mudar os tempos e a lei.” *Daniel 7:25*. Antes de aprender como esta parte do versículo deve ser compreendida, temos que primeiramente compreender o restante dele: “então os santos serão entregues na sua mão por um tempo tempos e metade de um tempo.” *Daniel 7:25*.

Obviamente, esta é uma referência a um período de tempo, mas quanto tempo? Para encontrar a resposta, voltamo-nos para outras Escrituras que declaram a mesma verdade com outras palavras. Estes versículos encontram-se em *Apocalipse 12:6, 14*. Em primeiro lugar consideraremos o versículo 14 que diz, “E foram dadas à mulher duas asas de grande águia, para que voasse para o deserto, ao seu lugar, onde é sustentada por um tempo, e tempos, e metade de um tempo, fora da vista da serpente.”

Este versículo refere-se ao mesmo acontecimento que Daniel profetizou. A mulher devia fugir para o seu lugar no deserto onde devia ser alimentada por um tempo, tempos e metade de um tempo.

Quando comparamos isto com o versículo 6, verificamos que a mesma mulher efectuando o mesmo voo para o seu lugar no mesmo deserto onde devia ser alimentada, não por tempo, tempos, e metade de um tempo, mas por mil duzentos e sessenta dias. “E a mulher fugiu para o deserto, onde já tinha lugar preparado por Deus, para que ali fosse alimentada durante mil duzentos e sessenta dias.”

Somos então deixados perante a conclusão que tempo, tempos, e metade de um tempo é exactamente mil duzentos e sessenta dias. Isto significa que um tempo é 360 dias, dois tempos é 720 dias e metade de um tempo é 180 dias. Estes dias não são literais mas simbólicos. Cada dia profético é simbolizado por um ano literal. A Bíblia confirma isto em diversos lugares: “Segundo o número dos dias em que espiastes esta terra, quarenta dias, cada dia representando um ano, levareis sobre vós as vossas iniquidades quarenta anos e conhecereis o meu afastamento.” *Números 14:34*. (Almeida Revista e Corrigida 2009 (ARC))

“E, quando tiveres cumprido estes dias, tornar-te-ás a deitar sobre o teu lado direito, e levarás a iniquidade da casa de Judá quarenta dias; um dia te dei para cada ano.” *Ezequiel 4:6*.

Confirmação adicional deste princípio que um dia representa um ano em profecia bíblica é encontrada na profecia das setenta semanas de *Daniel 9:24-27*. Esta evidência oferece-nos uma prova incontestável da exactidão deste princípio. O período de tempo de 490 dias que representam 490 anos tem um ponto de partida fixo, isto é, a ordem para restaurar e reconstruir Jerusalém e é seguido por outros sinais durante a sua duração. O mais notável destes é a primeira vinda de Cristo ao Seu povo no meio da última semana profética que ocorreu depois de 483 anos.

A ordem para reconstruir e restaurar Jerusalém foi completada no Outono de 457 a.C. depois, 483 anos mais tarde, em 27 d.C. Jesus apareceu como o Messias proclamando que o tempo estava cumprido. O tempo a que Ele se referia era a profecia das 70 semanas ou 490 anos de *Daniel 9*. Estas terminaram em 34 d.C. quando Estevão foi apedrejado.

“A nota predominante da pregação de Cristo, era: ‘O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo. Arrependei-vos, e crede no evangelho.’ *Mar. 1:15*. Assim a mensagem evangélica, segundo era anunciada pelo próprio Salvador, baseava-se nas profecias. O ‘tempo’ que declarava estar cumprido, era o período de que o anjo Gabriel falara a Daniel. ‘Setenta semanas’, dissera o anjo, ‘estão determinadas sobre o teu povo, e sobre a tua santa cidade, para extinguir a transgressão, e dar fim aos pecados, para expiar a iniquidade, e trazer a justiça eterna, e selar a visão e a profecia, e para ungir o Santo dos santos.’ *Dan. 9:24*. Um dia,

profeticamente, representa um ano. Núm. 14:34. Ezeq. 4:6.” {DTN 155}, *O Desejado de Todas as Nações*, 233.

Agora que o princípio de que um dia representa um ano foi estabelecido, estamos prontos para aplicar os 1260 anos da ponta pequena, porque está escrito que “os santos serão entregues na sua mão, por um tempo, e tempos, e a metade de um tempo.” Quando é que esse importante período começou? Imediatamente depois dos três reinos terem falhado em criar um lugar para que o poder da ponta pequena assumisse a sua posição entre as sete. Como mostra a história, esses três eram os Hérulos, os Vândalos e os Ostrogodos. A sua queda ficou completa por volta de 538 D.C., preparando o caminho para o papado tomar a posição do poder.

“... No início do ano 538, *Belisário* pôs fim ao Império e domínio dos Godos em Roma.

“Ele entrou na cidade no décimo dia do precedente Dezembro, em triunfo, em nome de *Justiniano*, imperador do Leste: e pouco depois tornou-o tributário: deixando-o assim desde 538 D.C., sem poder *em Roma*, do qual pudesse dizer-se que *governava sobre a Terra* – exceptuando o PODER ECLESIASTICO PONTIFICAL.” *The Prophetic Faith of Our Fathers* 2:767, por L.E. Froom.

Nós temos apenas que acrescentar ao ano 538 o período de 1260 anos para encontrar o fim em que o poder do papado seria quebrado. A soma desses números leva-nos a 1798. Foi nesse mesmo ano que o soberano poder do papado chegou ao fim inesperado depois de um considerável período de declínio. Isto aconteceu da seguinte maneira: uma parte do exército de Napoleão Bonaparte sob o comando do general Bertier entrou em Roma, declarou o fim do governo político do papado, aprisionou o Papa Pio IV e levou-o para França onde, pouco tempo depois, morreu no exílio. Nas Escrituras isto é descrito como sendo a chaga mortal que por sua vez foi curada. “E vi uma das suas cabeças como ferida de morte, e a sua chaga mortal foi curada; e toda a terra se maravilhou após a besta... E exerce todo o poder da primeira besta na sua presença, e faz que a terra e os que nela habitam adorem a primeira besta, cuja chaga mortal fora curada.” *Apocalipse* 13:3, 12.

A duração do terrível domínio do poder papal é descrita no versículo 5 como sendo quarenta e dois meses. “E foi-lhe dada uma boca, para proferir grandes coisas e blasfêmias; e deu-se-lhe poder para agir por quarenta e dois meses.” *Apocalipse* 13:5. O paralelo da ponta pequena de *Daniel* 7 é evidente: em primeiro lugar encontrámos outra vez a boca, que fala grandes coisas e blasfêmias e em segundo lugar encontramos o mesmo período a quem foi dado o domínio desse poder, porque os quarenta e dois meses desta Escritura são equivalentes aos 1260 dias de *Apocalipse* 12:6. Como um dia descreve um ano literal, assim um mês consiste em trinta dias proféticos, que são 30 anos literais. Quarenta e dois meses vezes trinta dias é igual a 1260 dias, que indica um período de 1260 anos.

É importante notar aqui que estamos a falar acerca de tempos proféticos. Não devemos concluir que 360 dias fazem um ano judeu porque isto não é verdade. Referindo-se a um período de tempo, um ano judeu tem em média trezentos e sessenta e cinco dias e 6 horas de duração. É um *tempo* profético que equivale a 360 dias, e é um *mês* profético que consiste em 30 dias.

A razão para a Bíblia usar este modo de fazer as contas pode ser encontrada na era antediluviana. Em *Génesis* 7:11 lemos que o dilúvio começou no décimo sétimo dia do segundo mês. Depois lemos em *Génesis* 8:3, 4 que as águas diminuíram depois de 150 dias, de modo que a arca pôde pousar sobre o Monte Ararat no décimo sétimo dia do sétimo mês. Isto significa que o dilúvio durou exactamente cinco meses, que somam 150 dias. Portanto, um mês tinha exactamente 30 dias de duração e um ano teria sido 360 dias.

## A Tentativa para Mudar os Tempos

Avançamos agora para a característica mencionada antes, que é aquela em que “... cuidará em mudar os tempos e a lei.” *Daniel 7:25*. As perguntas a serem feitas em ligação com o nosso estudo são: que tempos procurou o papado mudar? Porque é que ele fez semelhante tentativa?

O período profético de 1260 dias é uma das marcas positivas de identificação que estabelece a identidade da ponta pequena. Juntamente com as outras características constitui uma incontestável prova de que a ponta pequena é o símbolo do papado. Se fosse possível reinterpretar esta marca, pela mudança da extensão ou localização dos 1260 anos, a evidência seria destruída completamente.

Até ao aparecimento da Reforma Protestante, o papado não teve qualquer preocupação com esta eventualidade porque tinha mantido as Escrituras afastadas do povo. “Fora a política de Roma, sob profissão de reverência para com a Bíblia, conservá-la encerrada numa língua desconhecida, ocultando-a do povo. Sob seu domínio as testemunhas profetizaram ‘vestidas de saco.’” *O Grande Conflito*, 269.

Mas quando as Escrituras foram abertas para os mensageiros de Deus, um forte poder acompanhou a proclamação da verdade, e milhares de milhares foram libertos das trevas que por tanto tempo tinham mantido a luz encerrada. Foi uma maravilhosa emancipação, o nascer de um novo dia. Juntamente com o evangelho, as profecias foram especialmente eficazes na libertação dos oprimidos do repressivo sistema do papado.

“Durante algum tempo depois do início da Reforma, a Direcção católica romana cuidadosamente evitou a exposição das profecias de Daniel e Apocalipse. Eles pareceram incapazes de deter a força das incriminatórias aplicações protestantes das profecias a respeito do anticristo, que estavam a minar os próprios fundamentos da posição católica...”

“Mas qual das várias profecias do anticristo devia tirar as suas vantagens entre os tempos do Império Romano e os santos do reino? Na Alemanha, Suíça, Dinamarca, Suécia, Inglaterra e Escócia tinha havido simultâneas e impressivas declarações pela voz e pela pena que o Papado era o anticristo especificado na profecia. Os símbolos de Daniel, Paulo e João eram aplicados com tremendo efeito. Centenas de livros e panfletos deram voz ao seu argumento sobre a consciência da Europa. Na verdade, ele ganhou tanta ascendência nas mentes dos homens que Roma, alarmada, viu que devia contra-atacar com sucesso esta identificação de anticristo com o papado ou perderia a batalha.

“Ela sentiu a tremenda força do argumento contra ela. E descobriu, para seu desapontamento, que não podia mais segurar os seus membros através do mero ritual, dogma ou força. Seria necessário um argumento evidente e uma exposição plausível da profecia para enfrentar a longa inquebrável harmonia das posições reformadas. O catolicismo deve ter pregadores que se comparem à dinâmica da eloquência e conhecimento da Reforma. Os jesuítas foram chamados a ajudar em casos extremos e habilmente deram o próprio método necessário tanto para a defesa como para o ataque.

“Das fileiras dos jesuítas surgiram duas pessoas fortes determinadas a elevar o estigma do Papado colocando o anticristo nalgum ponto onde ele não pudesse ser aplicado à igreja romana...”

“Na reacção que se seguiu, o catolicismo soltou todas as suas reservas sobre os adeptos da Reforma. Mas a Contra Reforma não condenou somente a Reforma em geral; atacou as posições proféticas nas quais todos os protestantes estavam de acordo. Repudiou a interpretação que eles encarnavam nas suas solenes confissões e selavam com o seu sangue. Dessa maneira atacou e condenou a acção primaveril profética protestante...”

“Roma tinha sentido a força acumulada destas profecias. Tinha que de algum modo refutá-las. Não havia outra forma senão negar a sua aplicabilidade ao Papado, como a sua existência integral nas Escrituras não podia ser negada. A cidadela Católica tinha que ser defendida no

terreno profético. A persistente aplicação Protestante do anticristo ao Papado, sob vários símbolos, tinha que ser enfrentada e invertida para que a fortaleza Protestante fosse vencida. O dedo incriminador da profecia – apontado por Daniel, Paulo e João – devia ser desviado. Os símbolos deviam ser arredados de todo o campo da história medieval e contemporânea.” *The Prophetic Faith of Our Fathers* 2:484-486, por L.E. Froom.

Foram três sacerdotes jesuítas em particular que deram ao papado aquilo que era preciso para contra-atacar os poderosos ataques lançados contra ele pelos reformadores protestantes. Duas interpretações contraditórias dos 1260 anos foram apresentadas, e, apesar da natureza confusa desta solução, foi alcançado muito sucesso em tirar a atenção da Igreja Católica Romana.

Dois destes homens foram Ribera de Salamanca em Espanha e o Cardeal Belarmino de Roma. Eles apresentaram o que é conhecido como a interpretação futurista que colocou o anticristo muito longe no futuro. Um terceiro jesuíta, Alcazar, introduziu ao mesmo tempo uma interpretação passada que localizava o aparecimento da ponta pequena antes do tempo de Roma. Se ambas estivessem correctas, o papado seria muito certamente salvo da identificação como o anticristo.

Contudo, os tempos proféticos não podem mudados assim tão facilmente. Porque agora, anotaremos que *Daniel* 7:25 descreve quais são as presunçosas intenções da ponta pequena: colocando-se a si mesma no lugar de Deus, perseguindo os dissidentes e forçando as suas consciências e mudando os tempos. Todavia, na realidade o poder da ponta pequena nunca podia tomar o lugar de Deus, mudando tempos fixos ou forçando a consciência de um verdadeiro crente (mesmo que pudesse matar o seu corpo).

O apóstolo Pedro declara: “E temos, mui firme, a palavra dos profetas, à qual bem fazeis em estar atentos, como a uma luz que alumia em lugar escuro, até que o dia amanheça, e a estrela da alva apareça em vossos corações.

“Sabendo primeiramente isto: que nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação.

”Porque a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo.” *2 Pedro* 1:19-21.

A palavra profética é confirmada em virtude da sua origem divina. Os homens podem lutar, como fizeram os jesuítas, para mudar o que Deus tinha declarado, mas eles de facto nunca mudarão o que quer que seja. Aqui, por exemplo, está uma predição declarando que, de um específico ponto de partida, o papado reinaria com uma forma política e religiosa de governo durante 1260 anos – nem mais, nem menos. É dado um ponto inicial, nomeadamente, a queda dos poderes arianos que ocorreram entre 533 d.C. e 538 d.C. É depois uma questão simples acrescentar 1260 a 538 e chega-se a 1798. É igualmente simples concluir que o aprisionamento do papa nesse ano foi um exacto e real fim dos 1260 anos que eram o tempo, tempos e metade de um tempo da profecia de *Daniel* 7:25. Isto mantém-se inalterável apesar de todos os esforços daqueles que têm procurado desviar do papado as evidências incriminatórias que o apontam como o poder que ele realmente é – o grande anticristo.

As predições de Deus estavam correctas ao nível do próprio ano, com um princípio e um fim para os 1260 anos. Isto é muito impressionante, especialmente quando foram feitos todos os pelo próprio homem do pecado para mudar o tempo. Mas ele falhou. Deus tinha estabelecido o tempo e nada havia que o pudesse mudar. Foi em 1798 o fim da supremacia papal como tinha sido predito séculos antes.



## Capítulo 4

# A Tentativa de Mudança da Lei

Já vimos que o poder da ponta pequena tentou mudar os tempos da profecia. Contudo, esta não foi toda a sua obra — ela também tentou mudar a lei de Deus. “E cuidará em mudar os tempos e a lei.” *Daniel 7:25*.

### A Lei de Deus

A lei de Deus pode ser dividida em duas categorias — a moral e a da natureza. A primeira governa a nossa relação com Deus e os nossos semelhantes e é expressa em dez sagrados mandamento dados por Deus a Moisés no Monte Sinai. Correctamente compreendida, estes são vistos como a expressão de um perfeito amor e a verdadeira revelação do carácter divino do nosso Pai eterno. Eles ficam escritos nos corações de todos os que querem que a justiça de Deus se torne a sua própria experiência.

“A lei de Deus é tão sagrada como Ele próprio. É uma revelação de Sua vontade, uma transcrição de Seu carácter, expressão do amor e sabedoria divinos. A harmonia da criação depende da perfeita conformidade de todos os seres, de todas as coisas, animadas e inanimadas, com a lei do Criador. Deus determinou leis, não somente para o governo dos seres vivos, mas para todas as operações da natureza. Tudo se encontra sob leis fixas, que não podem ser desrespeitadas. Todavia, ao mesmo tempo em que tudo na natureza é governado por leis naturais, o homem unicamente, dentre todos os que habitam na Terra, é responsável perante a lei moral. Ao homem, a obra coroadora da criação, Deus deu o poder de compreender o que Ele requer, a justiça e beneficência de Sua lei, e as santas reivindicações da mesma para com ele; e do homem se exige inabalável obediência.” {PP 24}, *Patriarcas e Profetas*, 52.

A lei moral envolve o espírito humano. A inteligência ou razão determina a sua relação com esta lei. A lei natural diz mais respeito aos inteligentes poderes básicos encontrados tanto nas coisas animadas como nas inanimadas. As leis naturais determinam como actuam os poderes na natureza – não independentemente, mas como agentes de Deus que os criou e os usa para aplicar o Seu propósito de amor.

Deus dá ao homem um conhecimento tanto da lei moral como da lei natural de modo que ele possa compreender como se relacionar com elas e ser abençoado por elas. As leis são interactivas, os que significa que obedecer a uma torna-nos capazes de obedecer à outra. Por outro lado, isto também significa que a violação de uma conduz inevitavelmente à violação da outra, resultando eventualmente no sofrimento e mesmo na morte. Portanto, para que os propósitos de amor de Deus sejam cumpridos é necessária a nossa obediência.

“Deus pôs o homem sob a lei, como condição indispensável de sua própria existência. Ele era um súdito do governo divino, e não pode haver governo sem lei. Deus poderia ter criado o homem sem a faculdade de transgredir a Sua lei; poderia ter privado a mão de Adão de tocar no fruto proibido; neste caso, porém, o homem teria sido, não uma entidade moral, livre, mas um

simples autômato. Sem liberdade de opção, sua obediência não teria sido voluntária, mas forçada. Não poderia haver desenvolvimento de caráter. Tal maneira de agir seria contrária ao plano de Deus ao tratar Ele com os habitantes de outros mundos. Seria indigna do homem como um ser inteligente, e teria apoiado a acusação, feita por Satanás, de governo arbitrário por parte de Deus.” {PP 21}, *Patriarcas e Profetas*, 49.

Tal como Adão era livre de obedecer à lei moral, assim os homens hoje são livres de escolher se obedecem ou desobedecem. Muitos escolhem desobedecer como fez Adão. Nós queremos considerar duas causas para esta desobediência. Primeiramente, rebelião e em segundo lugar, ignorância ou má compreensão.

## A Lei Natural

Há muita quantidade de coisas escritas acerca da lei natural no Espírito de Profecia e que a sua violação é tão destrutiva como é a desobediência à lei moral.

A lei natural governa a preservação da saúde, o cuidado pela Terra, a segura protecção e uso dos poderes da natureza, o sucesso do casamento, a equilibrada educação dos filhos e muito mais. Os homens demonstram considerável inconsistência na sua relação com a lei natural. Eles estão prontos para reconhecer a necessidade da rigorosa obediência à lei nalgumas áreas da actividade humana, mas desrespeitam este factor noutras áreas igualmente importantes.

Um propósito da mensagem do terceiro anjo é expor total e completamente o poder da ponta pequena ou “o homem do pecado” (2 *Tessalonicenses* 2:3), como o supremo transgressor da lei. Na proclamação desta mensagem, é colocado grande ênfase na vital importância de aprender, compreender e obedecer às leis naturais da saúde. Aqui está uma advertência típica: “Nosso benigno Pai celestial vê a deplorável condição dos homens que estão vivendo em violação das leis por Ele estabelecidas — alguns com conhecimento, mas muitos ignorantemente. E movido de amor e piedade para com a humanidade, faz com que incida a luz sobre a reforma de saúde. Ele publica Sua lei e a pena que acompanhará a transgressão da mesma, a fim de que todos saibam, e cuidem em viver em harmonia com a lei natural. O Senhor proclama tão distintamente Sua lei, e torna-a tão proeminente, que é como uma cidade edificada sobre um monte. Todos os seres responsáveis a podem compreender, se o quiserem. Os idiotas não são responsáveis. Tornar patente a lei natural e insistir em que se lhe obedeça, eis a obra que acompanha a terceira mensagem angélica, a fim de preparar um povo para a vinda do Senhor. {T3 161}, *Testemunhos para a Igreja* 3:161.

## Desobediência Através da Rebelião

Nós necessitamos obedecer constante a todas a leis de Deus, tanto a natural como a moral. Mas “o homem do pecado” ou a ponta pequena não se preocupa com a obediência. A sua desobediência foi causada pela rebelião. Acerca dele está escrito, “E proferirá palavras contra o Altíssimo, e destruirá os santos do Altíssimo, e cuidará em mudar os tempos e a lei; e eles serão entregues na sua mão, por um tempo, e tempos, e a metade de um tempo.” *Daniel* 7:25. Portanto, que lei a ponta pequena ou homem do pecado tentará mudar? O que é que o tornou tão ousado? E o que é que ele pretendia com esta tentativa?

Como a ponta pequena estava em primeiro lugar preocupada com a luta contra o Altíssimo e Seus santos, pode ser concluído que ela estava a tentar, primeiro e acima de tudo, mudar a lei moral embora a lei natural também fosse inevitavelmente afectada. Satanás tem sempre deleite em atrair seres inteligentes para as suas fileiras colocando noutros o mesmo descontentamento pelo governo de Deus que em primeiro lugar o levou a rebelar-se no Céu. Ele considera a lei de Deus injusta e arbitrária, portanto, determinou substituí-la com o que ele

afirmava ser uma mais justo e superior. Até hoje ele tem prosseguido a sua causa e no homem do pecado encontrou um agente através de quem procura impor o seu domínio sobre outros.

Satanás afirma que as suas alterações apenas melhorarão a lei moral. Contudo, o seu governo e o governo de Deus são tão radicalmente diferentes, que a formação de uma sociedade entre ambos está eternamente fora de questão. Não há qualquer lugar no reino de Deus para o governo do anticristo, não importa quanto Satanás possa insistir no contrário. Deus declara que qualquer tentativa para acrescentar alguma coisa à Sua Palavra ou tirar qualquer coisa dela terminará num miserável fracasso (*Apocalipse 22:18, 19*). Deus é a única fonte da justiça e da vida. A lei moral é “uma transcrição do Seu carácter”. Somente a Sua inalterada lei — isto é, o Seu carácter — no coração pode produzir a verdadeira obediência. O sistema imitado de Satanás conduzirá sempre à transgressão, seja ele expresso na ausência de lei ou no legalismo. Os que tentam alterar a lei de Deus estão na verdade a rejeitá-la, muito embora possam com ênfase afirmar que a guardam. Não importa quanto possam tentar alcançar o padrão por si idealizado, a sua obediência será sempre forçada e artificial, nunca será um verdadeiro desejo do coração. O governo de Satanás e o de Deus nunca podem estar juntos, porque a verdadeira obediência do coração e o espírito do legalismo ou a aberta negação da lei, são diametralmente opostos.

## A Apostasia da Igreja Apostólica

Exactamente desde o início do conflito, Satanás compreendeu que devia colocar as suas leis no lugar da lei moral, a fim estabelecer o seu reino rival. Mais tarde, através do homem do pecado, continuou a cobiçar e a contestar a posição do Criador. No tempo da Igreja Apostólica o poder desta ponta pequena foi descrito nas seguintes palavras:

“Porque já o mistério da injustiça opera; somente há um que, agora, resiste até que do meio seja tirado;

“E, então, será revelado o iníquo, a quem o Senhor desfará pelo assopro da sua boca e aniquilará pelo esplendor da sua vinda.” *2 Tessalonicenses 2:7, 8*.

No caso da igreja apostólica abençoada com o magnífico poder do Espírito Santo, Satanás sabia que a transição da justiça para a iniquidade não se realizaria num só dia.

“Depois da descida do Espírito Santo, quando os discípulos saíram para proclamar um Salvador vivo, seu único desejo era a salvação de almas. Rejubilavam-se na doçura da comunhão com os santos. Eram ternos, prestativos, abnegados, voluntários em fazer qualquer sacrifício pelo amor da verdade. Em seu contato diário entre si, revelavam aquele amor que Cristo lhes ordenara. Por palavras e obras de altruísmo, procuravam acender este amor em outros corações.” **{AA 306}**, *Atos dos Apóstolos*, 547.

Embora a igreja parecesse ser invencível nesta fase, Satanás não desistiu. Passo a passo, habilmente introduziu a sua forma de governo alternativa. Ele começou por roubar aos crentes os elementos essenciais encontrados no governo de Deus, nomeadamente, o infinito amor de Deus e a sincera fé no Altíssimo. Se os membros da igreja apostólica tivessem sido muito cuidadosos em se proteger contra as subtis incursões do homem do pecado, quão diferente teria sido a história posterior do mundo. Não teria sido uma repetição, onde mais cedo ou mais tarde, toda a igreja se renderia à pressão do egoísmo, apesar de alguns membros aqui e ali permanecerem fiéis. A respeito dos seus pais, que tinham perdido o amor de Deus e se tinham tornado vítimas da apostasia, está escrito:

“Mas este é um povo roubado e saqueado; todos estão enlaçados em cavernas e escondidos nas casas dos cárceres; são postos por presa, e ninguém há que os livre; por despojo, e ninguém diz: ‘Restitui.’” *Isaías 42:22*.

A intenção de Deus para a Sua igreja era que ela mantivesse o seu primeiro amor. “Um tal amor deviam os crentes sempre acariciar. Deviam proceder em obediência voluntária ao novo

mandamento. Tão intimamente deviam estar unidos com Cristo que pudessem estar habilitados a cumprir todos os seus reclamos. Sua vida devia magnificar o poder de um Salvador que poderia justificá-los por Sua justiça.” {AA 306}, *Atos dos Apóstolos*, 547, 548.

Nunca na história o ideal de Deus para o Seu povo, como um todo, tinha chegado tão perto do activo cumprimento do que nessa altura. Infelizmente, a elevada norma alcançada pela igreja apostólica não se manteve. “Mas gradualmente se operou uma mudança. Os crentes começaram a olhar os defeitos uns dos outros. Demorando-se sobre os erros, dando lugar a inamistoso criticismo, perderam de vista o Salvador e Seu amor. Tornaram-se mais estritos na observância de cerimônias exteriores, mais estritos no tocante à teoria que à prática da fé. Em seu zelo para condenar a outros, passavam por alto seus próprios erros. Perderam o amor fraternal que Cristo lhes ordenara, e, o que é mais triste, não tinham consciência dessa perda. Não reconheceram que a felicidade e a alegria lhes estavam abandonando a vida, e que, havendo excluído o amor de Deus do coração, estariam logo andando em trevas.” {AA 307}, *Atos dos Apóstolos*, 548.

A fim de se proteger contra a apostasia, devia ser mantida uma maior vigilância. O mais pequeno desvio da verdade deve ser reconhecido como perigo. Isto não significa que temos de examinar outros, pelo contrário, cada pessoa deve examinar o seu próprio coração. Quando acontecem mudanças para pior, elas são frequentemente muito subtis e pequenas no início e contudo, a sua influência pode crescer até dominar toda a pessoa e eventualmente, a própria igreja. De facto, um dos maiores perigos que a igreja enfrenta vem dos membros que professam a teoria da verdade apesar de já não experimentarem o seu poder santificador. Isto resulta duma das mais sombrias características da apostasia, principalmente a apostasia, que priva as suas vítimas da capacidade de ver quão longe se afastaram da verdade e começaram a caminhar nas trevas. A fim de salvar-se deste destino, é vital ser-se honesto e não considerar pequenos afastamentos da verdade como de pouca importância.

## O Levantamento da Ponta Pequena

Depois da morte de Paulo, o mistério da iniquidade, que é o mistério do desrespeito à lei, avançou. A transição da verdadeira justiça do coração para a maliciosa iniquidade levou alguns séculos. “Pouco a pouco, a princípio furtiva e silenciosamente, e depois mais às claras, à medida em que crescia em força e conquistava o domínio da mente das pessoas, o mistério da iniquidade levou avante sua obra de engano e blasfêmia. Quase imperceptivelmente os costumes do paganismo tiveram ingresso na igreja cristã. O espírito de transigência e conformidade fora restringido durante algum tempo pelas terríveis perseguições que a igreja suportou sob o paganismo. Mas, em cessando a perseguição e entrando o cristianismo nas cortes e palácios dos reis, pôs ela de lado a humilde simplicidade de Cristo e Seus apóstolos, em troca da pompa e orgulho dos sacerdotes e governadores pagãos; e em lugar das ordenanças de Deus colocou teorias e tradições humanas. A conversão nominal de Constantino, na primeira parte do século IV, causou grande regozijo; e o mundo, sob o manto de justiça aparente, introduziu-se na igreja. Progredia rapidamente a obra de corrupção. O paganismo, conquanto parecesse suplantado, tornou-se o vencedor. Seu espírito dominava a igreja. Suas doutrinas, cerimônias e superstições incorporaram-se à fé e culto dos professos seguidores de Cristo.” *O Grande Conflito*, 49, 50.

À medida que o espírito de Cristo na igreja desaparecia, ela mergulhava cada vez mais profundamente na apostasia. “O papado tentou mudar a lei de Deus. O segundo mandamento, que proíbe o culto às imagens, foi omitido da lei, e o quarto foi mudado de molde a autorizar a observância do primeiro dia em vez do sétimo, como sábado. Mas os romanistas aduzem como razão para omitir o segundo mandamento ser ele desnecessário, achando-se incluído no primeiro, e que estão a dar a lei exatamente como era o desígnio de Deus fosse ela

compreendida. Essa não pode ser a mudança predita pelo profeta. É apresentada uma mudança intencional, com deliberação. 'Cuidará em mudar os tempos e a lei.' A mudança no quarto mandamento cumpre exactamente a profecia. Para isto a única autoridade alegada é a da Igreja. Aqui o poder papal se coloca abertamente acima de Deus." *O Grande Conflito*, 446.

Assim os papistas simplesmente apagaram o segundo mandamento, depois dividiram o décimo em dois a fim de manter o número de mandamentos em dez. Estas mudanças mostraram uma orgulhosa presunção da parte da ponta pequena, mas foi a mudança no quarto mandamento que foi o preciso cumprimento da profecia.

## **Desobediência Através do Engano e da Ignorância**

Foi preciso muito tempo para o povo ficar suficientemente enganado e aceitar a mudança do quarto mandamento. No início unicamente o repouso do sétimo dia era observado por todos os cristãos como o dia santo de Deus. Consideravelmente mais tarde, o domingo começou a ser reverenciado como um memorial da ressurreição de Cristo. Depois, à medida que o mistério da iniquidade se tornou progressivamente mais firmemente fortificado na igreja, a reverência pela divina instituição diminuiu enquanto a reverência pelo domingo cresceu firmemente, até o sétimo dia se tornar um dia considerado um dia comum não possuindo qualquer santidade e o domingo se tornar o santo dia de adoração.

"A primeira acção oficial da igreja Católica expressando a preferência pelo domingo foi feita no concílio de Laodiceia, no século IV. O Canon 29 deste concílio estipulo que 'Os cristãos não devem judaizar e descansar no sábado [sábado], mas devem trabalhar nesse dia; mas devem honrar o dia do Senhor especialmente e, como sendo cristãos, não farão se for possível, nenhum trabalho naquele dia.'" *The S.D.A. Bible Commentary* 4:832.

Apesar desta ser a primeira acção oficial tomada pela igreja católica a respeito do relevante valor do sábado em comparação com o domingo, foi um passo de considerável poder. A partir deste fundamento prosseguiram na construção da reverência pelo domingo e desprezo pelo sábado. Em vez de tentar conciliar toda a evidência da origem desta tentativa de mudança na lei, o papado foi mesmo ao ponto de o apresentar como evidência da sua autoridade!

"Os católicos romanos reconhecem que a mudança do sábado foi feita pela sua igreja, e declaram que os protestantes, observando o domingo, estão reconhecendo o poder desta. No 'Catecismo Católico da Religião Cristã', em resposta a uma pergunta sobre o dia a ser observado em obediência ao quarto mandamento, faz-se esta declaração: 'Enquanto vigorou a antiga lei, o sábado era o dia santificado, mas a igreja, instruída por Jesus Cristo, e dirigida pelo Espírito de Deus, substituiu o sábado pelo domingo; assim, santificamos agora o primeiro dia, e não o sétimo dia. Domingo quer dizer, e agora é, dia do Senhor.'

"Como sinal da autoridade da Igreja Católica, os escritores romanistas citam 'o próprio ato da mudança do sábado para o domingo, que os protestantes admitem; ... porque, guardando o domingo, reconhecem o poder da igreja para ordenar dias santos e impor sua observância sob pena de incorrer em pecado'. - Resumo da Doutrina Cristã, H. Tuberville. Que é, pois, a mudança do sábado senão o sinal da autoridade da Igreja de Roma ou 'o sinal da besta'?" *O Grande Conflito*, 447, 448.

Assim eventualmente, a mudança da lei estava completa e o santo dia do sábado, o símbolo da ligação do Criador com as criaturas, tinha sido aparentemente substituído pelo primeiro dia da semana. Tão poderoso foi o engano, que os homens consideraram a cruel perseguição dos dissidentes como a obra de Deus pela qual eles estavam a revelar o Seu carácter e a prestar-Lhe um serviço recomendável. "Lembraí-vos da palavra que vos disse: 'Não é o servo maior do que o seu senhor.' Se a Mim me perseguiram, também vos perseguirão a vós; se guardaram a Minha palavra, também guardarão a vossa. Mas tudo isto vos farão por causa do Meu nome, porque não conhecem Aquele que Me enviou." *João* 15:20, 21.

“Expulsar-vos-ão das sinagogas; vem mesmo a hora em que qualquer que vos matar cuidará fazer um serviço a Deus. E isto vos farão, porque não conheceram ao Pai nem a Mim. Mas tenho-vos dito isto, a fim de que, quando chegar aquela hora, vos lembreis de que já vo-lo tinha dito. E eu não vos disse isto desde o princípio, porque estava convosco.” *João 16:2-4.*

Pela flagrante perseguição e sua jactante confiança, a própria igreja deu mais evidência de ser a ponta pequena. Este homem do pecado está directamente oposto a tudo o que Deus determina. Na última grande batalha dos séculos ele marchará contra o povo de Deus que tem preservado e guardado os mandamento de Deus e têm a fé de Jesus. “Dois grandes poderes opostos são revelados na última grande batalha. De um lado está o Criador do Céu e da Terra. Todos os que se encontram do Seu lado têm o Seu selo. Eles são obedientes a Suas ordens. Do outro lado está o príncipe das trevas, com os que escolheram a apostasia e a rebelião. SDA Bible Commentary, vol. 7, págs. 982 e 983.” *Eventos Finais*, 250.

## Obedecer ou Desobedecer

Toda a pessoa é livre de escolher o lado em quer ficar. Escolherá obedecer às leis de Deus, ou desviar-se-á de um claro “assim diz o Senhor”?

“O Senhor do Céu permite que o mundo escolha a quem eles querem ter como soberano. Leiam todos atentamente o décimo terceiro capítulo do Apocalipse, pois ele tem que ver com todo instrumento humano, grande ou pequeno. Todo ser humano precisa decidir-se, ou a favor do Deus vivo e verdadeiro, que concedeu ao mundo o memorial da Criação no sábado do sétimo dia, ou a favor de um falso sábado, instituído por homens que se exaltaram acima de tudo que se chama Deus ou se adora, e que se imbuíram dos atributos de Satanás, oprimindo os leais e sinceros que guardam os mandamentos de Deus. Esse poder perseguidor imporá a adoração da besta insistindo na observância do sábado que ele instituiu. Assim ele blasfema de Deus, assentando-se ‘no templo de Deus, querendo parecer Deus’. II Tess. 2:4.” *Mensagens Escolhidas* 3:424.

De todas as leis de Deus, é o sábado que será o maior ponto controverso. Isto é clara e enfaticamente declarado uma e outra vez no Espírito de Profecia em palavras como as que se seguem: “A questão do sábado será o ponto controverso no grande final conflito em que o mundo inteiro há de ser envolvido. Os homens exaltaram os princípios do diabo acima dos que regem nos Céus. Aceitaram o sábado espúrio instituído por Satanás como o sinal de sua autoridade. Entretanto, Deus imprimiu o Seu selo ao Seu estatuto real. Cada instituição sabática traz o nome de Seu Autor, a marca indestrutível que revela Sua autoridade.” {TS3 10}, *Testemunhos Selectos* 3:19.

Este testemunho e muitos mais como este, clara e plenamente declaram que honrar ou desonrar o sétimo dia será o grande ponto controverso na última probante batalha. Mas a questão mantém-se: Porque devia o sábado ser tão importante? Porquê um único mandamento acima de todos os outros?

Podemos aprender a resposta olhando para a história do sábado no século dezanove. Quando os primeiros adventistas, incluindo a irmã White, começaram a observar o sétimo dia como dia do repouso, não o guardaram porque o consideravam mais importante do que os outros nove mandamentos mas porque sabiam que estava de acordo com a ordem do Céu. Ellen White descreve este desenvolvimento como se segue:

“No outono de 1846, começamos a observar o sábado bíblico, a ensiná-lo e defendê-lo. Minha atenção para o sábado foi primeiramente chamada enquanto eu estava em visita a New Bedford, Massachusetts, no início desse mesmo ano. Ali conheci o Pastor José Bates. Ele havia a princípio abraçado a fé do advento, e era trabalhador ativo na Causa. O Pastor Bates guardava o sábado, e salientava a sua importância. Eu não compreendia sua importância, e achava que ele errava em ocupar-se com o quarto mandamento mais do que com os outros nove. O Senhor,

porém, me deu uma visão do santuário celestial, em que o templo de Deus foi aberto no Céu, e foi-me mostrada a arca de Deus coberta com o propiciatório. Em cada extremidade da arca havia um anjo com as asas estendidas sobre o propiciatório e a face voltada para ele. Isso, informou-me o meu anjo assistente, representava todo o exército celestial olhando com reverente temor para a lei divina, que foi escrita com o dedo de Deus. Jesus levantou a cobertura da arca, e contemplei as tábuas de pedra em que os Dez Mandamentos estavam escritos. Fiquei atemorizada quando vi o quarto mandamento bem no centro dos dez preceitos, com uma suave auréola de luz rodeando-o. Disse o anjo: 'É o único dos dez que define o Deus vivo que criou os céus e a terra e todas as coisas que neles há.' Quando foram postos os fundamentos da Terra, também foi posto o fundamento do sábado." *Testemunhos para a Igreja* 1:75, 76.

Ao mostrar a ligação entre o quarto mandamento e Ele próprio como Criador, Deus dá força à confiança e fé dos Seus filhos. O sábado define a posição do Altíssimo, que unicamente tem o poder para criar e sustentar a vida. Se Ele alguma vez deixasse esta posição, significaria o fim de toda a vida e actividade. A fim de sustentar todo o Universo, a energia sustentadora da vida tem que continuar a fluir de Deus. Sem o Criador, apenas havia trevas e morte. Apesar do pecado ter entrado nesta Terra, Deus nunca retirou a corrente do Seu amor, luz e energia. Aos homens é dada uma segunda oportunidade para escolher a vida eterna com Deus – uma vida de obediência à Sua lei.

"Quando foram postos os fundamentos da Terra, também foi posto o fundamento do sábado." De acordo com esta frase, o que é o fundamento do sábado? É o poder criador de Deus. Numa declaração feita por Jesus acerca do sábado Ele diz: "O sábado foi feito por causa do homem." *Marcos 2:27*. Isto significa que o sábado, que foi fundado de acordo com o poder criador de Deus, satisfaz uma grande, indispensável necessidade da parte do homem.

## Cristo e o Sábado

Deus é a Fonte infinita de todo o poder pelo qual nós vivemos. Mas não importa quanta vida e poder Ele tenha, isso não terá qualquer utilidade se desligado daqueles a quem se destina servir. Portanto, Deus e o homem necessitam de uma ligação e esse papel é desempenhado por Jesus Cristo. O sábado é o símbolo do poder de Cristo. "Assim o Filho do homem até do sábado é Senhor.' Estas palavras acham-se repletas de instrução e conforto. Por haver o sábado sido feito para o homem, é o dia do Senhor. Pertence a Cristo. Pois 'todas as coisas foram feitas por Ele, e sem Ele nada do que foi feito se fez'. João 1:3. Uma vez que Ele fez todas as coisas, fez também o sábado. Este foi por Ele posto à parte como lembrança da criação. Mostra-O como Criador tanto como Santificador. Declara que Aquele que criou todas as coisas no Céu e na Terra, e por quem todas as coisas se mantêm unidas, é a cabeça da igreja, e que por Seu poder somos reconciliados com Deus. Pois, falando de Israel, disse: "Também lhes dei os Meus sábados, para que servissem de sinal entre Mim e eles, para que soubessem que Eu sou o Senhor que os santifica' (Ezeq. 20:12) — os torna santos. Portanto, o sábado é um sinal do poder de Cristo para nos fazer santos. E é dado a todos quantos Cristo santifica. Como sinal de Seu poder santificador, o sábado é dado a todos quantos, por meio de Cristo, se tornam parte do Israel de Deus." {DTN 197}, *O Desejado de Todas as Nações*, 288.

Assim o sábado é o símbolo do poder de Deus através de Cristo. Deixar o sábado não meramente como um dia mas como um princípio no coração, é deixar Cristo como a Ligação. Isto resultará automaticamente na morte espiritual daqueles que perdem esta ligação com Deus.

Deus está constantemente a trabalhar para manter Cristo na Sua posição como Ligação, a fim de salvaguardar o bem-estar de toda a Sua criação, particularmente o homem pecador. "Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigénito..." *João 3:16*.

“No instante em que o homem aceitou as tentações de Satanás e fez as próprias coisas que Deus havia dito para não fazer, Cristo, o Filho de Deus, colocou-Se entre a vida e a morte, dizendo, ‘que a punição caia sobre Mim. Eu ficarei no lugar do homem. Ele terá outra oportunidade’ (Carta 22, 13 de Fevereiro de 1900).” *The S.D.A. Bible Commentary* 1:1085. Esse é o amor de Deus pelo homem através de Cristo.

Na tentativa do papado, o homem do pecado, para apagar o sábado e reorganizar a ordem do Céu, o pior que ele podia fazer foi *querer* fazer isso. Porque mesmo apesar de ter sido sua intenção mudar os tempos e a lei, nunca podia mudar Deus. E porque a lei de Deus é uma transcrição do Seu carácter, conclui-se que não é possível mudar a lei de Deus. Esta ligação entre o Criador e as Suas criaturas fiéis permanece intacta, apesar do sábado ser largamente esquecido. Felizmente, o inimigo não foi capaz de destruir o verdadeiro sábado e nunca lhe será permitido mudar os tempos ou a lei no reino de Deus. Todavia, a quantidade de sucesso que ele tem tido nesta tentativa, particularmente na Idade Média, revela os terríveis resultados que ocorreriam no reino de Deus se esta tentativa se tornasse lei!



## Capítulo 5

# Tronos e Julgamentos

Agora que estudámos em pormenor as características da ponta pequena como estão descritas em *Daniel 7* vamos resumi-las:

- Levanta-se depois das outras dez pontas. *Daniel 7:24*.
- Levanta-se entre elas. *Daniel 7:8; 20*.
- Quando se levanta, arranca pela raiz três das outras. *Daniel 7:8*.
- Persegue o povo de Deus sem descanso nem piedade. *Daniel 7:25*.
- Proferirá palavras presunçosas contra o Altíssimo. *Daniel 7:25*.
- Pretende mudar a lei divina. *Daniel 7:25*.
- Pretende mudar os períodos de tempo da profecia. *Daniel 7:25*.
- Governará durante tempo, tempos e metade de um tempo. *Daniel 7:25*.
- É diferente de todas as outras. *Daniel 7:24*.

Estas evidências e o seu cumprimento na história torna-nos capazes de identificar o poder simbolizado pela ponta pequena como o papado, que governou de 538 a 1798 d.C. No Novo Testamento este poder é também descrito como o homem do pecado, o filho da perdição, o anticristo e o mistério da iniquidade ou iníquo (vede por exemplo *João 17:12; 2 Tessalonicenses 2:18; 3:4*). É um poder diferente de todas as outras pontas que foram reis, presidentes e militares conquistadores. Enquanto estes se sentaram nos tronos que tinham conquistado pelo seu próprio poder e a eles se apegaram pelo uso da espada, a ponta pequena assegurou o serviço de outros para o exercício da sua autoridade. As outras pontas foram organizações nas quais os governadores governaram todos os seus súbditos incluindo os eclesiásticos, mas quando a ponta pequena chegou ao poder, os eclesiásticos asseguraram o seu domínio através do poder do Estado. Eles não construíram as suas próprias forças de defesa mas instrumentalizaram o Estado para lutar as suas guerras em seu lugar.

Esta situação será repetida quando a imagem da besta for levantada. A igreja fará leis religiosas, mas os governos civis impô-las-ão. Ao fazer isto, os homens usurpam a posição que é devida unicamente a Deus, porque no que respeita à religião e consciência das Suas criaturas, só Deus pode fazer leis e administrá-las para benefício de todos. Qualquer tentativa da parte do homem decretar e aplicar leis religiosas, é substituir Deus pelos homens — e isto é o mistério da iniquidade. A história tem provado que sempre que essa política que requer a união da igreja com o Estado é adoptada as consequências são horrorosas.

“Mas ‘o meio-dia do papado foi a meia-noite do mundo’. — História do Protestantismo, de Wylie. As Sagradas Escrituras eram quase desconhecidas, não somente pelo povo mas pelos sacerdotes. Como os fariseus de outrora, os dirigentes papais odiavam a luz que revelaria os seus pecados. Removida a lei de Deus — a norma de justiça — exerciam eles poder sem limites e praticavam os vícios sem restrições. Prevalciam a fraude, a avareza, a libertinagem. Os

homens não recuavam de crime algum pelo qual pudessem adquirir riqueza ou posição. Os palácios dos papas e prelados eram cenários da mais vil devassidão. Alguns dos pontífices reinantes eram acusados de crimes tão revoltantes que os governadores seculares se esforçavam por depor esses dignitários da igreja como monstros demasiado vis para serem tolerados. Durante séculos a Europa não fez progresso no saber, nas artes ou na civilização. Uma paralisia moral e intelectual caíra sobre a cristandade.” *O Grande Conflito*, 60.

A Reforma Protestante, que obteve a sua direcção e autoridade da Bíblia e unicamente da Bíblia, inverteu esta tendência tendo como resultado que a meia-noite passou e um novo dia nasceu para o mundo. Uma vez que um dia melhor nasceu, este deu ao homem uma liberdade que resultou em grande progresso incluindo avanços científicos de longo alcance. Foi uma iluminação que revolucionou a existência humana. Mas o progresso nem sempre foi em frente, porque uma vez mudado o coração do homem pecador, este não é capaz de usar a liberdade com proveito. Não importa que melhorias ou descobertas sejam feitas, se o homem não tira o máximo proveito da sua oportunidade e verdadeiramente submete o seu coração à governação de Deus, a apostasia desenvolver-se-á, fazendo com que a humanidade retroceda para uma posição ainda mais baixa. Como os próprios reformadores, eles construíram no fundamento de uma verdadeira conversão. Eles levaram os homens a sair da apostasia e proporcionaram uma oportunidade, para todos os que estivessem dispostos a serem libertados da escravidão do pecado. Todavia, o inimigo não desistiu. Ele está a trabalhar dentro da igreja tentando fazer com que os cristãos caiam — primeiramente tentando que eles voltem para as suas próprias obras. A apostasia, tal com vimos no caso do rei Salomão, começa pela tentativa de fazer a obra de Deus à maneira do homem.

## O Trono do Ancião de Dias

Com Daniel, estudámos o levantamento e a queda dos reinos até ao aparecimento da ponta pequena. Para nós isto é história do passado, para Daniel estava ainda no futuro. Nessa altura, Babilónia era o reino mais poderoso que já alguma vez existira. Como a visão do seu fim e o subsequente aparecimento e queda da Medo-Pérsia, Grécia e Roma se desdobravam perante ele, Daniel ficou profundamente perturbado. A sua perturbação não era por causa dos reinos como tal, mas por causa do destino dos filhos de Deus. Porém, depois de ver o poder do inimigo, devia ser mostrado a Daniel o lado oposto do grande conflito. Ele também devia ver o poder de Deus e o Seu julgamento que porá um fim ao cruel déspota. A atenção de Daniel foi repentinamente dirigida para os tempos de uma cena muito diferente: “Eu continuei olhando, até que foram postos uns tronos, e um ancião de dias se assentou; a sua veste era branca como a neve, e o cabelo da sua cabeça como a pura lã; e seu trono era de chamas de fogo, e as suas rodas de fogo ardente. Um rio de fogo manava e saía de diante dele; milhares de milhares o serviam, e milhões de milhões assistiam diante dele; assentou-se o juízo, e abriram-se os livros.” *Daniel* 7:9, 10.

A preparação do juízo e a entrada e assento do Ancião de Dias tem lugar no Céu. Mas isso é da maior consequência para os crentes nesta Terra nos últimos dias, porque isto conduz à sua libertação.

Foi um conforto para Daniel ver a glória de Deus revelada no Seu julgamento porque ele necessitava saber que o poder de Deus é invencível, não importa quanto a ponta pequena possa exercer a sua cruel governação. Como nós também precisamos de ser fortalecidos contra a intimidação e total desencorajamento que o poder do inimigo pode causar, consideraremos com Daniel a glória e o poder do juízo de Deus. Para fazer isso, começaremos pelo estudo do significado do trono de Deus. A fim de obter uma ilustração mais completa compararemos *Daniel* 7 com outras Escrituras.

Outro profeta que também escreveu sobre a visão do trono foi Ezequiel. Referindo-se a esta visão, Ellen White escreveu: “Sobre as barrancas do rio Quebar, Ezequiel contemplou um vento tempestuoso que parecia vir do norte, ‘uma grande nuvem, como um fogo a revolver-se; e um resplendor ao redor dela, e no meio uma coisa como cor de âmbar’. Uma porção de rodas intercaladas umas nas outras eram movidas por quatro seres viventes. E por cima de tudo ‘havia uma semelhança de trono, como de uma safira; e sobre a semelhança do trono havia como que a semelhança dum homem, no alto, sobre ele’. Ezeq. 1:4 e 26. ‘E apareceu nos querubins uma semelhança de mão de homem debaixo de suas asas.’ Ezeq. 10:8. As rodas eram de um arranjo tão complicado, que à primeira vista pareciam uma confusão; não obstante elas se moviam em perfeita harmonia. Seres celestiais, sustentados e guiados pela mão sob as asas dos querubins, estavam impelindo essas rodas; acima deles, sobre o trono de safira, estava o Eterno; e ao redor do trono havia um arco-íris, símbolo da divina misericórdia.” {PR 273}, *Profetas e Reis*, 535, 536.

Em *Apocalipse 4* encontramos de novo a mesma ilustração. Aqui João descreve o trono e Aquele que se senta nele como alguém semelhante a uma pedra preciosa em aspecto. Um arco iris rodeia o trono e as quatro criaturas viventes “no meio do trono, e à volta do trono” (*Apocalipse 4:6*) têm as mesmas faces descritas em *Ezequiel*. Os vinte e quatro anciãos estão sentados noutros vinte e quatro tronos à volta do trono de Deus do qual sai uma incrível energia (vede *Apocalipse 4:4-6*).

## As Quatro Criaturas Viventes

Debaixo do trono estavam as rodas intercessoras impelidas pelos quatro seres celestiais que são descritas no primeiro capítulo de *Ezequiel*.

“E, do meio dela, saía a semelhança de quatro animais; e esta era a sua aparência: tinham a semelhança de um homem.

“E cada um tinha quatro rostos, como também cada um deles, quatro asas....

“E a semelhança do seu rosto era como o rosto de homem; e, à mão direita, todos os quatro tinham rosto de leão, e, à mão esquerda, todos os quatro tinham rosto de boi, e também rosto de águia, todos os quatro.” *Ezequiel 1:5, 6, 10*.

As quatro faces das criaturas viventes simbolizam as características de Deus que são de especial importância no grande conflito travado na Terra.

A primeira face parece-se com a de um homem. Quando Deus fez a Terra pelas Suas capacidades e poder criadores, criou o homem como o único ser inteligente a fim de dar uma imagem d’Ele mesmo. É verdade que o pecado tem destruído esta imagem de modo que o homem natural e o seu carácter já não podem ter a semelhança de Deus, mas ao tornar-se homem e condenando o pecado na carne humana, esta imagem pode ser restaurada. Jesus tornou-Se como os Seus irmãos para que eles se possam tornar como Ele.

Do lado direito estava uma face como a de um leão. O leão é bem conhecido pela sua incomparável coragem e é correctamente chamado pelo “rei dos animais.” Uma vez mais temos que levar em consideração que depois da queda do homem, o leão desenvolveu um carácter diferente do carácter que Deus lhe deu. Somente em Cristo, o Leão da tribo de Judá, podemos nós encontrar uma ilustração deste divino atributo.

Do lado esquerdo estava a face de um boi ilustrando o serviço paciente, tipificado no serviço que Deus faz incansavelmente a todo o Universo. O boi presta um serviço sem queixume ao homem que é uma criatura mais fraca, exactamente como o abnegado serviço de Deus é maior do que o daqueles que Ele serve. Quando pensamos acerca do sacrifício que Deus voluntariamente prestou ao dar o Seu Filho pelo homem pecador, podemos nós ver esta característica no seu radiante melhor.

Por fim, há a face de uma águia. Esta ave é frequentemente usada nas Escrituras como um símbolo de uma incessante vigilância, tal como no texto seguinte.

“Achou-o numa terra deserta, e num ermo solitário cheio de uivos; cercou-o, instruiu-o, e guardou-o como a menina do seu olho.

“Como a águia desperta a sua ninhada, move-se sobre os seus filhos, estende as suas asas, toma-os, e os leva sobre as suas asas,

“Assim só o Senhor o guiou; e não havia com ele deus estranho.” *Deuteronómio* 32:10-12. Somente Deus pode ser a Cabeça e o Guia das Suas criaturas. Ele é o Educador e Protector do Seu povo e Ele é fiel a este atributo, não importa quão grande resistência tenha que enfrentar.

## Ilimitada Mobilidade

As quatro criaturas viventes que impeliam as rodas debaixo do trono de Deus estão descritas em *Ezequiel* 1:1-28 movendo-se como um relâmpago (vede versículo 14). Isto demonstra que ao contrário dos tronos dos reis terrestres, que estão ancorados a um palácio, o trono de Deus não está limitado. O Seu trono é capaz de viajar de lugar para lugar, por vezes com incrível velocidade. Além do mais, Deus pode mover-se de um trono para outro, porque a mobilidade está n’Ele mesmo. Isto não significa que Deus muda, mas que Ele é capaz de assistir às várias tarefas governamentais no Seu reino simultaneamente.

Um exemplo disto foi em 1844 no início do juízo investigativo. Nós lemos como no final da profecia dos 2.300 anos, o Pai deixou vago o Seu trono no lugar santo do santuário celestial, viajando num carro de fogo para o lugar santíssimo e sentou-se no trono que estava situado ali. Depois Jesus deixou vazio o Seu lugar no trono no lugar santo e subiu para o carro de nuvem com rodas como chamas de fogo, cercado de anjos, que O levaram ao lugar santíssimo onde o Seu Pai O esperava. Esta vinda de Cristo ao Seu Pai, o Ancião de Dias, não foi a Sua segunda vinda à Terra em poder e glória, mas uma transição do primeiro para o segundo compartimento do santuário celestial no Céu.

“Vi um trono, e assentados nele estavam o Pai e o Filho....

“Vi o Pai erguer-Se do trono e num flamejante carro entrar no santo dos santos para dentro do véu, e assentar-Se. Então Jesus Se levantou do trono... Então um carro de nuvens, com rodas como flama de fogo, circundado por anjos, veio para onde estava Jesus. Ele entrou no carro e foi levado para o santíssimo, onde o Pai Se assentava.” *Primeiros Escritos*, 54, 55.

“E, eis que vinha nas nuvens do céu Um como o Filho do homem; e dirigiu-Se ao Ancião de Dias, e O fizeram chegar até Ele. E foi-Lhe dado o domínio e a honra, e o reino, para que todos os povos, nações e línguas O servissem; o Seu domínio é um domínio eterno, que não passará.’ Dan. 7:13 e 14. A vinda de Cristo aqui descrita não é a Sua segunda vinda à Terra. Ele vem ao Ancião de Dias, no Céu, para receber o domínio, a honra, e o reino, os quais Lhe serão dados no final de Sua obra de mediador. É esta vinda, e não o seu segundo advento à Terra, que foi predita na profecia como devendo ocorrer ao terminarem os 2.300 dias, em 1844. Assistido por anjos celestiais, nosso grande Sumo Sacerdote entra no lugar santíssimo, e ali comparece à presença de Deus a fim de Se entregar aos últimos atos de Seu ministério em prol do homem, a saber: realizar a obra do juízo de investigação e fazer expiação por todos os que se verificarem com direito aos benefícios da mesma.” *O Grande Conflito*, 479, 480.

Daniel viu quando os tronos foram postos no lugar, quando o Ancião de Dias entrou e se sentou, depois um como o Filho do Homem foi trazido perante Ele e foi-Lhe dado o domínio e a glória e um reino. O Ancião de Dias era de facto Deus o Pai, que transferiu o Seu trono a fim de realizar uma tarefa específica. A Sua entrada no lugar santíssimo do santuário celestial anunciava que última fase da provação humana tinha começado. Nesta fase, o lugar santo é purificado de todos os pecados alguma vez transferidos do crente na Terra para ali. O próprio

Jesus, o mediador do Seu povo, é então levado perante o Ancião de Dias a fim de receber o Seu reino.

## Tronos Diferentes

O trono descrito em *Ezequiel 1* é da cor da pedra de safira que é um maravilhoso, rico azul. Este trono está circundado por um glorioso arco-íris, “Como o aspecto do arco que aparece na nuvem no dia da chuva.” (*Ezequiel 1:28*). A chave para a compreender o propósito deste trono está contida no simbolismo do arco-íris que o circunda. “Quando o homem pela sua grande impiedade convida os juízos divinos, o Salvador, intercedendo junto ao Pai em seu favor, aponta para o arco nas nuvens, para o arco celeste em redor do trono e acima de Sua cabeça, como sinal da misericórdia de Deus para com o pecador arrependido.” {PP 66}, *Patriarcas e Profetas*, 107. Tanto no lugar santo como no lugar santíssimo, Jesus intercede pelos Seus filhos arrependidos. É a misericórdia de Deus que liberta o pecador e o coloca num fundamento de justiça tornando-o capaz de não pecar a partir daí. Azul, juntamente com a púrpura e o vermelho, foi a cor das cortinas ou véus no santuário do Antigo Testamento, sugerindo que onde o pecado abunda, a graça é mais abundante. Portanto, como ensina Paulo, “Cheguemos, pois, com confiança ao trono da graça, para que possamos alcançar misericórdia e achar graça, a fim de sermos ajudados em tempo oportuno. *Hebreus 4:16*.”

Também o azul era a cor da fita que os israelitas deviam usar na barra das suas vestes a fim de recordarem que Deus os tinha libertado do Egito. (Vede *Números 15:38-41*.) Esta lembrança da misericórdia de Deus era para encorajar a sua obediência.

A morte sacrificial de Cristo no altar desta Terra revela que a misericórdia e a justiça estão unidas no amor de Deus. Antes da cruz, o inimigo de Deus e do homem tentou separar a misericórdia da justiça a fim de privar o pecador de toda a esperança e redenção. Desde a morte de Cristo na cruz, ele tem tentado separar a justiça da misericórdia a fim de enredar o pecador num falso sentido de segurança. Mas no trono da graça, onde a justiça nos ameaça como transgressores da lei, encontramos a misericórdia à qual devemos ter acesso através do sangue de Cristo. Pela mistura da misericórdia com a justiça, quando confessamos a nossa pecaminosidade, somos libertos tanto da condenação como do próprio pecado. “O amor de Deus tem-se expressado tanto em Sua justiça como em Sua misericórdia. A justiça é o fundamento de Seu trono, e o fruto de Seu amor. Era o desígnio de Satanás divorciar a misericórdia da verdade e da justiça. Buscou provar que a justiça da lei divina é um inimigo da paz. Mas Cristo mostrou que, no plano divino, elas estão indissolúvelmente unidas; uma não pode existir sem a outra. ‘A misericórdia e a verdade se encontraram; a justiça e a paz se beijaram.’ Sal. 85:10.” {DTN 540}, *O Desejado de Todas as Nações*, 762.

O arco-íris da promessa assegura-nos que Deus cumprirá a Sua palavra para conosco. É a misericórdia que livra os Seus filhos do pecado, semelhantemente é a Sua misericórdia que os livra do tempo de provação que ainda virá. Exactamente quando eles sentem que o seu último momento chegou, “o arco-íris, resplandecendo com a glória do trono de Deus, atravessa os céus, e parece cercar cada um dos grupos em oração. As multidões iradas subitamente se detêm. Silenciam seus gritos de zombaria. É esquecido o objeto de sua ira sanguinária. Com terríveis pressentimentos contemplam o símbolo da aliança de Deus, anelando pôr-se ao amparo de seu fulgor insuperável.

“É ouvida pelo povo de Deus uma voz clara e melodiosa, dizendo: ‘Olhai para cima’ (Luc. 21:28); e, levantando os olhos para o céu, contemplam o arco da promessa... e vêem a glória de Deus, e o Filho do homem sentado sobre o Seu trono.” *O Grande Conflito*, 636.

Um trono diferente é descrito em *Apocalipse 20:11*. Este é o “grande trono branco” que está “sobre um fundamento de ouro polido” (*O Grande Conflito*, 664, 666), perante o qual nada que contenha pecado pode existir. Este trono obviamente não serve o propósito de intercessão e

redenção, porque a obra já está completa. Em vez de simbolizar a misericórdia, o trono branco serve o propósito da justiça. Ele é usado na coroação final de Jesus no juízo executivo, marcado para o final do milénio. “Na presença dos habitantes da Terra e do Céu, reunidos, é efetuada a coroação final do Filho de Deus. E agora, investido de majestade e poder supremos, o Rei dos reis pronuncia a sentença sobre os rebeldes contra Seu governo, e executa justiça sobre aqueles que transgrediram Sua lei e oprimiram Seu povo. Diz o profeta de Deus: ‘Vi um grande trono branco, e O que estava assentado sobre ele, de cuja presença fugiu a Terra e o céu; e não se achou lugar para eles. E vi os mortos, grandes e pequenos, que estavam diante do trono, e abriram-se os livros; e abriu-se outro livro, que é o da vida; e os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras.’ Apoc. 20:11 e 12.” *O Grande Conflito*, 666. “E deu o mar os mortos que nele havia; e a morte e o inferno deram os mortos que neles havia; e foram julgados, cada um, segundo as suas obras. E a morte e o inferno foram lançados no lago de fogo, esta é a segunda morte. E aquele que não foi achado escrito no livro da vida, foi lançado no lago de fogo.” *Apocalipse* 20:13-15.

No final do julgamento deste mundo, a pureza e santidade do nosso Deus brilhará como nunca antes. O trono branco simboliza esta pureza que está em dramático contraste com a natureza e supremacia do pecado. Quando Jesus se senta no trono branco, em imaculada pureza, “A glória do Pai eterno envolve Seu Filho. O resplendor de Sua presença enche a cidade de Deus e estende-se para além das portas, inundando a Terra inteira com seu brilho.” *O Grande Conflito*, 665. Os remidos também estão vestidos na cor da perfeita pureza. Perante o trono estava uma grande “multidão, a qual ninguém podia contar, ... trajando vestidos brancos...” Apoc. 7:9... as vestes brancas, um emblema da imaculada justiça de Cristo, a qual agora possuem.” *O Grande Conflito*, 665.

Na altura em que este julgamento for estabelecido, a graça finalizou a sua obra. Para aqueles que rejeitam a irrevogável misericórdia de Deus, a justiça é a sua única recompensa. Isto é manifesto no facto que Deus os deixa à sorte que escolheram. Não há justificação para o pecado. Os perdidos que estão perante o trono branco para receberem a condenação da morte eterna, experimentam a justiça de Deus não misturada com a misericórdia.

## Diferentes Julgamentos

Contudo, antes do julgamento final no fim do milénio está o juízo investigativo que Daniel viu ser estabelecido no capítulo 7. Os versículos 9 a 12 descrevem a preparação do julgamento, que começou em 1844 com a colocação de tronos nas suas posições determinadas e o assentar do Ancião de Dias, o próprio Deus. Quantos tronos serão colocados? A informação dada em *Daniel* não declara o número preciso, mas os versículos em *Apocalipse* 4:2 e 4 lista aquele em que Deus se senta adicionando os 24 tronos nos quais se sentam os 24 anciãos.

Mas estes 25 não são os únicos assistentes do julgamento. Jesus, o nosso grande Sumo Sacerdote, senta-se à direita de Deus, desempenhando um papel crucial. O Espírito Santo também estará ali, juntamente com as quatro criaturas viventes e uma vasta reunião de anjos. *Daniel* 7:10 fala que “milhares de milhares o serviam, e milhões de milhões assistiam diante dele.” Dez milhares vezes dez milhares soma cem milhões e milhares de milhares somam vários milhões, fazendo um total de mais de cem milhões de espíritos ministradores fielmente cumprindo os seus deveres, se o número for literal. Quer este número seja literal ou não é seguro dizer um grupo verdadeiramente inumerável de anjos celestiais, “em vasta e inumerável multidão” (*O Grande Conflito*, 641), cercam o trono, todos dispostos a servir. Estes anjos sobem e descem a escada de Cristo a fim de realizarem a obra da graça pela humanidade caída.

Com o encerramento do juízo investigativo que tem lugar no santuário celestial, Cristo recebe o Seu reino e volta como esposo para o Seu matrimónio. Depois segue-se o julgamento

dos ímpios — um julgamento em que os fiéis, como remidos desta Terra, tomarão parte. “Reunindo-se eles em redor do grande trono branco, indizível júbilo lhes encherá o coração ...” *O Grande Conflito*, 647. Os remidos sentar-se-ão com Cristo no trono d’Ele, exactamente como Ele se senta no trono com o Seu Pai e juntamente com Ele julgarão os ímpios. Os remidos também se unirão com Cristo nesta altura para julgar Satanás e os seus anjos maus (vede *1 Coríntios* 6:3). Então, no final do milénio, Cristo regressa à Terra com o exército dos remidos e um séquito de anjos para a coroação final e último julgamento em que o grande trono branco continua a figurar como estudado atrás. Reunida está “uma grande multidão que ninguém podia contar ... perante o trono” *Apocalipse* 7:9. “Por sobre o trono se revela a cruz; e semelhante a uma vista panorâmica aparecem as cenas da tentação e queda de Adão, e os passos sucessivos no grande plano da redenção.” *O Grande Conflito*, 666. Os ímpios reconhecem a rectidão e a justiça de Deus e caem prostrados aos pés do Príncipe da vida. O pecado com o seu mistério é para sempre erradicado da criação de Deus. “É agora evidente a todos que o salário do pecado não é nobre independência e vida eterna, mas escravidão, ruína e morte... Todos vêem que sua exclusão do Céu é justa. Por sua vida declararam: ‘Não queremos que este Jesus reine sobre nós.’” *O Grande Conflito*, 668.

À medida que olhava para o desenrolar dos séculos, Daniel, foi capaz de contemplar este poder do julgamento de Deus derrotando o mistério da iniquidade. O mesmo poder é válido para nós hoje, portanto, podemos ser libertos do pecado e do seu poder enquanto dura o tempo de prova.

## Capítulo 6

# Poder de Deus para resistir ao inimigo

No capítulo cinco vimos como as cores dos tronos de Deus simbolizam a sua finalidade e os diferentes aspectos do carácter de Deus, o azul simbolizando misericórdia, o branco a pureza e a justiça. A aparência do trono também revela o poder de Deus. Todos os três escritores inspirados, Ezequiel, Daniel e Ellen White, viram o trono de Deus em termos de carros flamejantes.

### Trono de Deus como Um Carro de Fogo

Por exemplo, da pena de Ezequiel vêm declarações como segue:

“Olhei, e eis que um vento tempestuoso vinha do Norte, e uma grande nuvem, com um fogo a revolver-se, e um resplendor ao redor dela, e no meio uma coisa como de cor de âmbar, que saía dentre o fogo. . . , quanto à semelhança dos animais, o seu parecer era como brasas de fogo ardentes, como uma aparência de tochas; o fogo corria por entre os animais, e o fogo resplandecia, e do fogo saíam relâmpagos. . . E vi como a cor de âmbar, como o aspecto do fogo pelo interior dele, desde a semelhança dos seus lombos e daí para cima; e, desde a semelhança dos seus lombos e daí para baixo, vi como a semelhança de fogo e um resplendor ao redor dele.” *Ezequiel 1: 4, 13, 27.*

Através Daniel veio o seguinte: “Eu continuei olhando, até que foram postos uns tronos, e um ancião de dias se assentou; . . . o seu trono, chamas de fogo, e as rodas dele, fogo ardente. Um rio de fogo manava e saía de diante dele.” *Daniel 7:9, 10.*

No testemunho de *Primeiros Escritos* intitulado “Fim dos 2.300 dias”, Ellen White viu o Pai e o Filho assentados num flamejante carro.” Consulte a página 55.

### O Poder da Voz de Deus

Não só a aparência de Deus revelava o Seu imenso poder para a visão, mas também para o ouvido. Ambos, Ezequiel e o apóstolo João, ouviram grandes ruídos rugindo como o som estrondoso de muitas águas quando Deus apareceu. Noutra ocasião, Ezequiel viu: “E o estrondo das asas dos querubins se ouviu até ao átrio exterior, como a voz do Deus Todo-Poderoso, quando fala.” *Ezequiel 10:5.*

João relatou em duas ocasiões que a manifestação da presença de Deus era como o som de muitas águas. “E os seus pés, semelhantes a latão reluzente, como se tivesse sido refinado numa fornalha; e a sua voz, como a voz de muitas águas.” *Apocalipse 1:15.* “E ouvi uma voz do céu como a voz de muitas águas e como a voz de um grande trovão; e uma voz de harpistas, que tocavam com a sua harpa.” *Apocalipse 14:2.*

Estas são revelações do incrível poder da palavra pela qual foi dada existência ao Universo, e por qual tudo nele é mantido no seu devido lugar dia após dia. Neste maravilhoso papel de



Criador, Redentor e Sustentador, Jesus está sempre estabelecido à mão direita do Pai, como d'Ele se testemunha:

“Havendo Deus, antigamente, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos, nestes últimos dias, pelo Filho,

“A quem constituiu herdeiro de tudo, por quem fez também o mundo.

“O qual, sendo o resplendor da sua glória, e a expressa imagem da sua pessoa, e sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder, havendo feito por si mesmo a purificação dos nossos pecados, assentou-se à destra da Majestade, nas alturas.” *Hebreus 1:1-3*.

É por sua voz que Ele cumpre as Suas responsabilidades, porque, na criação desta terra “pela palavra do Senhor foram feitos os céus; e todo o exército deles, pelo espírito da sua boca.

“Ele ajunta as águas do mar como num montão; põe os abismos em tesouros.

“Tema toda a terra ao Senhor; temam-no todos os moradores do mundo.

“Porque falou, e tudo se fez; mandou, e logo tudo apareceu.” *Salmos 33: 6-9*.

Aquilo que Ele realizou nos seis dias da criação pela palavra, continua fazendo no funcionamento do universo numa base diária. Como por Sua voz, Ele chamou todas as coisas à existência, assim a mesma voz, e pelos mesmos procedimentos, sustenta todas as operações da natureza momento a momento.

“Deus está perpetuamente actuando na natureza. Ela é serva Sua, por Ele dirigida como Lhe apraz. Por sua actuação, a natureza testifica da presença inteligente e da intervenção activa de um Ser que procede em todas as Suas obras em conformidade com a Sua vontade. Não é por meio de uma condição original inerente à natureza que ano após ano a Terra produz as suas dádivas, e prossegue na sua marcha em redor do Sol. A mão do infinito poder está perpetuamente em actividade, guiando este planeta. É o poder de Deus, exercido momento a momento, que o mantém em posição na sua rotação. O Deus do Céu está continuamente em actividade. É pelo Seu poder que a vegetação cresce, que cada folha brota e toda a flor desabrocha. Não é como resultado de um mecanismo que, uma vez posto em movimento, continue a funcionar, que o pulso bate e respiração se segue a respiração. Em Deus vivemos, nos movemos e existimos. Cada respiração, cada batimento do coração constitui prova contínua do poder de um Deus sempre presente. É Deus que faz o Sol surgir no céu. Ele abre as janelas do céu e dá a chuva. Ele faz crescer a vegetação sobre os montes. Ele ‘dá a neve como lã, espargue a geada como cinza.’ ‘Fazendo Ele soar a Sua voz, logo há tumulto de águas no céu, ... Ele faz os relâmpagos para a chuva, e faz sair o vento dos seus tesouros.’ O Senhor, embora tenha terminado a Sua obra na criação, está constantemente ocupado em sustentar e usar como servas Suas as coisas que fez. Disse Cristo: ‘Meu Pai trabalha até agora, e Eu trabalho também.’ (Manuscrito 4, 1882). *The S.D.A. Bible Commentary* 6:1062.

Em *Daniel 7:9, 10*, é revelada uma imagem de poder irresistível: o trono de Deus é uma chama de fogo, suas rodas são um fogo ardente, e fogo sai de diante de Deus num imenso fluxo. Como lemos em outras Escrituras, este é acompanhado pelo rugido, trovejante som de muitas águas. Estamos familiarizados hoje com o som potente de uma aeronave que está a descolar para o céu. Quanto maior seria o trovão do poder necessário para operar as forças nos seus lugares pela voz de Deus! Nós, criaturas presas à terra temos pouca noção da magnitude e poder daquele rio de fogo que Daniel viu lançado diante dele. No entanto, é de conhecimento essencial para nós, caso contrário, a descrição não seria incluída entre as coisas reveladas aos filhos de Deus por seus santos profetas. O povo de Deus precisa saber que o seu Criador tem poder suficiente para lidar, em favor dele, com as aparentemente poderosas forças das trevas arrematadas contra ele.

## O Poder do Inimigo

Não há dúvida sobre o facto de que os exércitos que nos confrontam na batalha do Armagedom a ser travada será a mais poderosa, tecnologicamente avançada, e a melhor equipada que jamais foi reunida em apoio ao plano do diabo para destruir a obra de Deus. O ataque mais violento, eficaz e mais longo à causa de Deus até ao momento foi a perseguição sofrida pela igreja durante os 1260 anos do domínio papal. Num capítulo anterior, considerámos as terríveis palavras usadas pelo escritor inspirado para descrever as condições em que a igreja de Deus esteve quase a ser completamente destruída.

“Depois disso, eu continuava olhando nas visões da noite, e eis aqui o quarto animal, terrível e espantoso e muito forte, o qual tinha dentes grandes de ferro; ele devorava, e fazia em pedaços, e pisava aos pés o que sobejava; era diferente de todos os animais que apareceram antes dele e tinha dez pontas.

“Estando eu considerando as pontas, eis que entre elas subiu outra ponta pequena, diante da qual três das pontas primeiras foram arrancadas; e eis que nessa ponta havia olhos, como olhos de homem, e uma boca que falava grandiosamente...

“Então, tive desejo de conhecer a verdade a respeito do quarto animal, que era diferente de todos os outros, muito terrível, cujos dentes eram de ferro, e as suas unhas, de metal; que devorava, fazia em pedaços e pisava aos pés o que sobrava;

“E também das dez pontas que tinha na cabeça e da outra que subia, de diante da qual caíram três, daquela ponta, digo, que tinha olhos, e uma boca que falava grandiosamente, e cuja aparência era mais firme do que o das suas companheiras.

“Eu olhava, e eis que essa ponta fazia guerra contra os santos e os venceu.” *Daniel 7:7, 8; 19-21.*

“Porque haverá, então, grande aflição, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem tampouco haverá jamais.

“E, se aqueles dias não fossem abreviados, nenhuma carne se salvaria; mas, por causa dos escolhidos, serão abreviados aqueles dias.” *Mateus 24:21-22.*

Essa é uma descrição das forças impressionantes que se uniram na guerra contra o povo de Deus durante o período da supremacia papal que durou de 538 d.C. até 1798. Os cristãos da Idade Média devem ter possuído uma tremenda fé, coragem e amor à verdade de Deus para ficar firmes perante o implacável sistema eclesiástico do papado, apoiado pelos poderes civis em apoio incondicional e ilimitado. Isto foi especialmente verdadeiro para aqueles que foram provados pelo fogo, como Huss, Jerónimo, Latimer e Ridley, e inúmeros outros que deram seus corpos para serem queimados por causa da verdade.

## A Perseguição Adormecida

Hoje, esses eventos passados podem parecer fracos e distantes. Muitas pessoas não podem acreditar que essa perseguição terrível pudesse ser realizada por uma igreja fazendo tão alta profissão de integridade moral como faz o papado. Há um esquecimento generalizado de que o homem do pecado nunca muda — que o seu espírito e carácter são imutáveis. Isto não é negar o facto de que ele tem inúmeros disfarces e que, conforme a ocasião exige, ele veste roupas de ovelha em particular melhor calculada para esconder o lobo escondido. Aqueles que são enganados por estas mudanças superficiais hábeis acham difícil levar as profecias a sério ou discernir algum perigo no futuro. Em vez disso, tendem a acreditar que os seres humanos estão a tornar-se mais civilizados, e, portanto, mais tolerantes do ponto de vista religioso dos outros. Embora esta teoria esteja longe da verdade, é-lhe dado crédito em virtude da ausência de implacável perseguição na igreja de hoje. As verdadeiras razões para essa ausência são duas. A primeira reside no facto de que as igrejas são tão desprovidas de eficácia espiritual que os

pecados dos professores da religião amantes do mundo nessas organizações são deixados sem repreensão, e assim o espírito de perseguição não é despertado.

“O apóstolo Paulo declara que ‘todos os que piamente querem viver em Cristo Jesus padecerão perseguições.’ 2 Timóteo 3:12. Por que é, pois, que a perseguição, em grande parte, parece adormecida? A única razão é que a igreja se conformou com a norma do mundo, e portanto não suscita oposição. A religião que em nosso tempo prevalece não é do caráter puro e santo que assinalou a fé cristã nos dias de Cristo e Seus apóstolos. É unicamente por causa do espírito de transigência com o pecado, por serem as grandes verdades da Palavra de Deus tão indiferentemente consideradas, por haver tão pouca piedade vital na igreja, que o cristianismo, é aparentemente tão popular no mundo. Haja um reavivamento da fé e poder da igreja primitiva, e o espírito de opressão reviverá, reacendendo-se as fogueiras da perseguição.” *O Grande Conflito, 48.*

Mas há uma segunda razão para a actual falta de perseguição. Quando Deus chama um povo para levar a Sua mensagem, há momentos em que às vezes é necessário ele estar escondido por um período de preparação. Essa foi a experiência de Moisés em Midiã por 40 anos, e João Baptista que passou os primeiros 30 anos da sua vida em minuciosa preparação para um curto ministério. Durante o seu tempo de preparo, Moisés e João foram retirados das perturbações dos homens e, conseqüentemente, não foi gerada qualquer perseguição. Mas com Jesus, não foi assim. Vivendo na movimentada pequena cidade de Nazaré depois de voltar do Egito, os princípios justos da Sua vida, dos quais nunca se desviou, estavam em colisão constante com as práticas dos seus irmãos, as outras crianças da cidade, e os líderes religiosos do povo.

No momento em que estes estudos foram escritos, o povo de Deus da mesma forma está num período de preparação. Estamos no tempo de espera da parábola das dez virgens quando se diz que as prudentes e as loucas, estão adormecidas. É o período pouco antes da descida da chuva serôdia, quando o povo de Deus está fazendo uma preparação cuidadosa, sob a orientação de Deus, para proclamar a advertência final. Enquanto isso, o mundo está ocupado com os seus negócios, ao passo que os verdadeiros filhos de Deus tratam dos seus assuntos. Por isso, é de se esperar, que haverá relativamente poucas perseguições, particularmente numa escala nacional ou internacional actualmente.

## Martírio

Está a aproximar-se rapidamente o tempo em que as perseguições do passado serão repetidas numa escala que envolverá todos os seres humanos nesta terra quer como perseguidores, quer como perseguidos. Quando isso acontecer, vai ser uma vez mais o reinício da prática estabelecida de Babilónia desde o início e que ela vai continuar até ao fim. De todos os seus métodos do mal para eliminar aqueles que se recusam a ceder à sua determinação de encher a terra com a injustiça, queimar na fogueira parece ter sido um dos mais frequentes.

“A Igreja Católica Romana, unindo as formas do paganismo com as do cristianismo, e, à semelhança do primeiro, representando falsamente o caráter de Deus, tem recorrido a práticas não menos cruéis e revoltantes. Nos dias da supremacia de Roma, houve instrumentos de tortura para forçar o assentimento a suas doutrinas. Houve a fogueira para os que não queriam admitir suas exigências. Houve massacres em proporções que jamais serão conhecidos até que se revelem no dia do juízo. Os dignitários da igreja, dirigidos por seu chefe Satanás, dedicavam-se a inventar meios para produzir a maior tortura possível antes de pôr termo à vida das vítimas. Em muitos casos o processo infernal era repetido ao limite extremo da resistência humana, até que a natureza capitulava na luta e o sofredor saudava a morte como doce alívio.” *O Grande Conflito, 569.*

Os cristãos que sofreram qualquer que seja a tortura que lhes foi infligida foram os pioneiros daqueles que depois passaram pelas chamas do martírio. Pode parecer que os

cristãos que vieram depois e morreram pela fogueira ficaram aquém da vitória total sobre o fogo alcançada pelos três jovens hebreus que saíram da fornalha sete vezes superaquecida, mesmo sem o odor pungente do fumo nas suas roupas. No entanto, um estudo mais aprofundado da aparente derrota daqueles que não foram libertados da morte depois do fogo ter sido aceso em torno deles na fogueira mostra que eles foram tão vitoriosos como Sadraque, Mesaque e Abede-Nego. Eles foram vencedores não sobre a morte, mas sobre o pecado e a incredulidade. A perda da vida presente era irrelevante para eles. Pelo contrário, a questão vital que os preocupava era se seriam vencidos pela incredulidade, ou venceriam o inimigo pela fé viva? “Milhares eram aprisionados e mortos, mas outros surgiam para ocupar as vagas. E os que eram martirizados por sua fé tornavam-se aquisição de Cristo, por Ele tidos na conta de vencedores. Haviam pelejado o bom combate, e deveriam receber a coroa de glória quando Cristo viesse. Os sofrimentos que suportavam, levavam os cristãos mais perto uns dos outros e de seu Redentor. Seu exemplo em vida, e seu testemunho ao morrerem, eram constante atestado à verdade; e, onde menos se esperava, os súditos de Satanás estavam deixando o seu serviço e alistando-se sob a bandeira de Cristo.” *O Grande Conflito, 42.*

Não podemos com confiança declarar que todo aquele que morre confessando Cristo é um verdadeiro vencedor, pois tem havido aqueles que morreram pela causa sem serem justos em si mesmos. Paulo advertiu sobre essa perigosa possibilidade com estas palavras: “E ainda que distribuísse toda a minha fortuna para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse amor, nada disso me aproveitaria.” *1 Coríntios 13:3.*

## Huss e Jerónimo

No entanto, embora não possamos com certeza declarar todos os mártires eram cristãos, há alguns sobre os quais os escritores inspirados fornecem informações suficientes para revelar que eles tiveram mortes verdadeiramente mártires. Dois desses foram John Huss da Boémia que foi queimado na fogueira a 6 de Julho de 1415, e o seu seguidor Jerónimo, que foi sacrificado pelo fogo no mesmo local de execução no ano seguinte, 30 de Maio de 1416. Foram queimados de tal maneira que deles apenas restaram as cinzas.

“Depois de completamente consumido o corpo de Huss, suas cinzas, e a terra em que repousavam, foram ajuntadas e lançadas no Reno, e assim levadas para além do oceano. Seus perseguidores em vão imaginavam ter desarraigado as verdades que pregara. Dificilmente se dariam conta de que as cinzas naquele dia levadas para o mar deveriam ser qual semente espalhada em todos os países da Terra; de que em terras ainda desconhecidas produziram fruto abundante em testemunho da verdade. A voz que falara no recinto do concílio em Constança, despertara ecos que seriam ouvidos através de todas as eras vindouras. Huss já não mais existia, mas as verdades por que morrera, não pereceriam jamais. Seu exemplo de fé e constância animaria multidões a permanecerem firmes pela verdade, em face da tortura e da morte. Sua execução patenteou ao mundo inteiro a pérfida crueldade de Roma. Os inimigos da verdade, posto não o soubessem, haviam estado a adiantar a causa que eles em vão procuraram destruir.” *O Grande Conflito, 110.*

Ambos, Huss e Jerónimo, foram genuínos mártires exibindo a fé de Jesus. “Quando as chamas começaram a envolvê-lo [John Huss], pôs-se a cantar: ‘Jesus, Filho de Davi, tem misericórdia de mim’, e assim continuou até que sua voz silenciou para sempre.

“Mesmo os inimigos ficaram tocados com seu procedimento heróico. Um zeloso adepto de Roma, descrevendo o martírio de Huss, e de Jerônimo que morreu logo depois, disse: ‘Ambos se portaram com firmeza de ânimo quando se lhes aproximou a última hora. Prepararam-se para o fogo como se fosse a uma festa de casamento. Não soltaram nenhum grito de dor. Ao levantarem-se as chamas, começaram a cantar hinos, e mal podia a veemência do fogo fazer silenciar o seu canto.’ — Wylie.” *O Grande Conflito, 109, 110.*

Terem sido ameaçados com a morte pelo fogo já era prova suficiente, mas o que fez o teste muito mais difícil foram as horríveis, enfraquecedoras condições que tanto Huss como Jerónimo foram obrigados a suportar durante os meses antes de serem condenados a morrer sendo queimados vivos. A escuridão, humidade, ar impuro, ausência de exercício físico e falta de qualquer alimento realmente nutritivo, foram calculados para reduzir as suas capacidades para resistir aos seus alzozes ao nível mais baixo possível. Portanto, não é surpreendente que John Huss ficasse tão doente que quase morreu de uma febre terrível. Mas os papistas não conseguiram atingir o seu objectivo, pois, embora bastante debilitado, ele permaneceu inamovível perante os seus perseguidores.

“Enfraquecido pela enfermidade e reclusão, pois que o ar úmido e impuro do calabouço lhe acarretara uma febre que quase o levara à sepultura, Huss foi finalmente conduzido perante o concílio. Carregado de cadeias, ficou em pé na presença do imperador, cuja honra e boa fé tinham sido empenhadas em defendê-lo. Durante o longo processo manteve firmemente a verdade, e na presença dos dignitários da Igreja e Estado, em assembléia, proferiu solene e fiel protesto contra as corrupções da hierarquia. Quando se lhe exigiu optar entre o renunciar suas doutrinas ou sofrer a morte, aceitou a sorte de mártir.” *O Grande Conflito, 107.*

Jerónimo foi submetido ao mesmo doentio tratamento, com o resultado que por um tempo a sua determinação quebrou e ele retirou o seu apoio à Reforma. “Ao seu primeiro aparecimento perante o concílio, as tentativas de Jerónimo para responder às acusações apresentadas contra ele eram defrontadas com clamores: ‘Às chamas! Que vá às chamas!’ — Bonnechose. Foi lançado numa masmorra, acorrentado em posição que lhe causava grande sofrimento e alimentado a pão e água. Depois de alguns meses, as crueldades da prisão causaram-lhe uma enfermidade que lhe pôs em perigo a vida, e seus inimigos, receosos de que ele se lhes pudesse escapar, trataram-no com menos severidade, posto que permanecesse na prisão durante um ano.

“A morte de Huss não deu os resultados que os sectários de Roma haviam esperado. A violação do salvo-conduto suscitara uma tempestade de indignação, e como meio mais seguro de agir, o concílio decidiu, em vez de queimar a Jerónimo, obrigá-lo, sendo possível, a retratar-se. Foi levado perante a assembléia e ofereceu-se-lhe a alternativa de renunciar, ou morrer na fogueira. A morte, no início de sua prisão, teria sido uma misericórdia, à vista dos terríveis sofrimentos por que passara; mas agora, enfraquecido pela moléstia, pelos rigores do cárcere e pela tortura da ansiedade e apreensão, separado dos amigos e desanimado pela morte de Huss, a fortaleza de Jerónimo cedeu, e ele consentiu em submeter-se ao concílio. Comprometeu-se a aderir à fé católica, e aceitou a ação do concílio ao condenar as doutrinas de Wycliffe e Huss, exceção feita, contudo, das ‘santas verdades’ que tinham ensinado. — Bonnechose.” *O Grande Conflito, 110, 111.*

Muito em breve Jerónimo reconsiderou a sua posição e retirou sua retração. Tal posição é muito mais difícil de tomar do que uma declaração aberta de uma posição desde o início, pois nenhum verdadeiro cristão gosta de aparecer como um vacilante que não mantém a sua palavra de honra, não importa a que custo. No entanto, em matéria de convicção religiosa, a liberdade religiosa total é o direito de todos, de modo que uma pessoa pode mudar a sua fé a qualquer momento.

## Períodos de Perseguição pelo Fogo

Ao longo da história, há vários períodos de perseguição todos os que têm ou que ainda venham a empregar fogo para destruir o povo de Deus. O primeiro desses períodos foi a perseguição do povo de Deus no reino da Babilónia dos tempos do Antigo Testamento, o uso do fogo ali foi usado para eliminar os três fiéis e intimidar os povos de todo o mundo a adorar somente os deuses da Babilónia.

Outro período geral é a grande perseguição da igreja cristã posterior à descida do Espírito Santo no Pentecostes. Este período durou até ser encurtado pela grande Reforma Protestante. Mais uma vez o fogo foi o terrível instrumento usado pelo papado para destruir um grande número de fiéis filhos de Deus.

Mais um período de perseguição, o último, será a resposta de Satanás para o derramamento da chuva serôdia, como previsto em *Apocalipse* 13. “E faz grandes sinais, de maneira que até fogo faz descer do céu à terra, à vista dos homens.

“E engana os que habitam na terra com sinais que lhe foi permitido que fizesse em presença da besta, dizendo aos que habitam na terra que fizessem uma imagem à besta que recebera a ferida de espada e vivia.” *Apocalipse* 13:13-14.

Este fogo “do céu” desce como um meio de enganar a humanidade para formar uma imagem à besta.

O que é este fogo?

Há alguns que afirmam que serão explosões nucleares — mas serão pessoas enganadas por tais meios? O efeito real de um fogo nuclear não é enganar, mas aterrorizar as pessoas.

## O Rio de Fogo Saindo do Trono de Deus

Seja qual for a natureza exacta desse fogo, a sua finalidade, tal como a de todos os fogos da perseguição que vieram antes dele, será a de destruir totalmente o povo de Deus, e estabelecer o pecado como um poder eterno por todo o universo. Mas Deus vai enfrentar o fogo com inextinguível fogo. “Um rio de fogo manava e saía de diante dele.” *Daniel* 7:10.

Daniel, então, vê o fim total do homem do pecado à medida que vê o desenrolar da certa aniquilação do quarto animal e da ponta pequena que falava essas grandiosas palavras contra o Altíssimo.

“Então, estive olhando, por causa da voz das grandes palavras que provinha da ponta; estive olhando até que o animal foi morto, e o seu corpo, desfeito e entregue para ser queimado pelo fogo.

“E, quanto aos outros animais, foi-lhes tirado o domínio; todavia, foi-lhes dada prolongação de vida até certo espaço de tempo.” *Daniel* 7:11, 12.

Grande como o fogo é, que nas mãos do quarto animal terrível, destruiu os corpos mortais dos mártires, não deve ser temido como devemos temer o fogo pelo qual o Todo-Poderoso sustenta todas as forças vitais justas no universo e destrói toda a pecaminosidade onde quer que ela possa ser encontrada.

É claro que, como os verdadeiros mártires foram vitoriosos sobre o fogo, assim será toda alma que também é vitoriosa sobre o pecado sustentada pelo rio de fogo que sai do trono de Deus. (Veja *Daniel* 7:10). Huss e Jerónimo enfrentaram a morte cantando e não deram nenhuma indicação de que estavam a sentir dor. Do mesmo modo os três hebreus não foram tocados pelo fogo. Nos seus casos, mesmo a sua carne mortal foi salva da dor e da destruição. João foi libertado quando foi imerso num caldeirão de óleo a ferver.

Não conhecemos qualquer testemunho no sentido de que cada mártir queimado na fogueira não sofresse alguma dor, mas temos provas de que pelo menos alguns não a experimentaram. Aqui está um relato do historiador Wylie:

“O trem de pólvora estava agora aceso. Quando a chama se aproximou dele, ergueu os olhos e as mãos para o céu, e orou pelo perdão da Dor e de Sir Thomas More, e continuou em intervalos em súplicas até que o fogo chegou à sua cabeça. ‘deve ser observado’, diz o cronista, ‘que enquanto estava na fogueira, no meio do fogo flamejante, cujo fogo consumira metade dos seus braços e das pernas, ele disse estas palavras: ‘Oh, vocês papistas, contemplai! procurais milagres; e aqui agora podeis ver um milagre; porque neste fogo não sinto mais dor do que se estivesse deitado numa cama; mas é para mim como um leito de rosas.’ Estas palavras falou ele

no meio do fogo ardente, quando suas pernas e braços, como eu disse, estavam meio consumidos.” Wylie, *The History of Protestantism, Volume 3*, 382.

Está a aproximar-se rapidamente o tempo quando muitos mais sacrificarão as suas vidas por amor à verdade, como está escrito: “Os dois exércitos permanecerão distintos e separados, e essa distinção será tão acentuada que muitos que estarão convencidos da verdade colocar-se-ão ao lado do povo que guarda os mandamentos de Deus. Quando essa grandiosa obra ocorrer na batalha, antes do conflito final, muitos serão encarcerados, muitos fugirão das cidades e vilas para salvar a vida, e muitos serão mártires por amor a Cristo, colocando-se em defesa da verdade. ... Não sereis tentados acima do que sois capazes de suportar. Jesus suportou tudo isso e muito mais.” *Mensagens Escolhidas 3:397, 398*.

As mensagens de *Daniel, Ezequiel, Apocalipse*, bem como do Espírito de Profecia, todas revelam a necessidade de compreender e experimentar as operações do Espírito divino na medida em que forem reveladas, para que o rio de fogo emitido do trono de Deus possa salvar e manter-nos, em vez de nos destruir.

# Estudo Adicional

## “O estudo dos livros de Daniel e apocalipse

“O Espírito de Deus tem iluminado cada página dos Escritos Sagrados, mas há aqueles sobre os quais pouca impressão eles fazem, por serem imperfeitamente compreendidos. Ao vir a sacudidura, pela introdução de falsas teorias, esses leitores superficiais não ancorados em parte alguma, são como a areia movediça. Escorregam para qualquer posição para agradar a tendência de seus sentimentos de amargura. ... Daniel e Apocalipse devem ser estudados, bem como as outras profecias do Velho e Novo Testamentos. Haja luz, sim, luz, em vossas habitações. Por isso devemos orar. O Espírito Santo brilhando sobre as páginas sagradas, abriremos o entendimento para que possamos saber o que é verdade. ... {TM 112.1}

“Há necessidade de mais íntimo estudo da Palavra de Deus; especialmente devem Daniel e Apocalipse merecer a atenção como nunca dantes na história de nossa obra. Podemos ter menos a dizer em alguns sentidos quanto ao poder romano e ao papado, mas devemos chamar atenção para o que os profetas e apóstolos têm escrito sob a inspiração do Santo Espírito de Deus; de tal modo tem o Espírito Santo moldado as questões tanto no dar a profecia como nos acontecimentos descritos, que ensina que o agente humano deve ser conservado fora de vista, escondido em Cristo, e que o Senhor Deus dos Céus e Sua lei devem ser exaltados. Lede o livro de Daniel. Recapitulai ponto por ponto a história dos reinos ali representados. Contemplai os estadistas, concílios, poderosos exércitos, e vede como Deus operou para abater o orgulho dos homens e lançar por terra a glória humana. ... {TM 112.2}

“A luz que Daniel recebeu de Deus foi dada especialmente para estes últimos dias. As visões que ele viu às margens do Ulai e do Hidéquel, os grandes rios de Sinear, estão agora em processo de cumprimento, e logo ocorrerão todos os acontecimentos preditos. {TM 112.3}

“Considerai as circunstâncias da nação judaica ao serem dadas as profecias de Daniel. {TM 113.1}

“Demos mais tempo ao estudo da Bíblia. Não compreendemos a Palavra como devemos. O livro de Apocalipse abre com uma ordem para compreendermos a instrução que ele contém. ‘Bem-aventurado aquele que lê e os que ouvem as palavras desta profecia’, declara Deus, ‘e guardam as coisas que nela estão escritas; porque o tempo está próximo.’ Quando nós, como um povo, compreendermos o que este livro para nós significa, ver-se-á entre nós grande reavivamento. Não compreendemos plenamente as lições que ele ensina, não obstante a ordem que nos é dada é de examiná-lo e estudá-lo. {TM 113.2}

“No passado, mestres declararam que Daniel e Apocalipse são livros selados, e o povo deles se tem afastado. O véu, cujo aparente mistério tem impedido que muitos o levantem, a própria mão de Deus tem retirado dessas partes de Sua Palavra. O próprio nome ‘Apocalipse’ (Revelação), contradiz a declaração de que é um livro selado. ‘Revelação’ significa que algo de importante é dado a conhecer. As verdades deste livro dirigem-se aos que vivem nesses últimos dias. Estamos com o véu removido no lugar santo das coisas sagradas. Não devemos ficar fora. Não devemos entrar com pensamentos descuidados e irreverentes, nem com passos impetuosos, mas com reverência e piedoso temor. Aproximamo-nos do tempo em que se devem cumprir as profecias do livro do Apocalipse. ... {TM 113.3}

“Temos os mandamentos de Deus e o testemunho de Jesus Cristo, que é o Espírito de Profecia. Preciosas gemas devem ser encontradas na Palavra de Deus. Os que examinam esta Palavra, devem conservar clara a mente. Nunca devem condescender com o apetite pervertido no comer e no beber. {TM 114.1}

“Se o fizerem, o cérebro ficará confuso; serão incapazes de suportar a tensão de cavar fundo para descobrir a significação das coisas que se relacionam com as cenas finais da história terrestre. {TM 114.2}

“Quando os livros de Daniel e Apocalipse forem bem compreendidos, terão os crentes uma experiência religiosa inteiramente diferente. Ser-lhes-ão dados tais vislumbres das portas abertas do Céu que o coração e a mente se impressionarão com o caráter que todos devem desenvolver a fim de alcançar a bem-aventurança que deve ser a recompensa dos puros de coração. {TM 114.3}

“O Senhor abençoa a todo aquele que com humildade e mansidão, procura compreender o que está revelado no Apocalipse. Este livro fala tanto acerca da imortalidade e da glória, que todos os que o lêem e



pesquisam fervorosamente recebem as bênçãos prometidas àqueles ‘que ouvem as palavras desta profecia, e guardam as coisas que nelas estão escritas’. {TM 114.4}

### “O resultado do verdadeiro estudo

“Uma coisa compreender-se-á certamente do estudo de Apocalipse — que a ligação entre Deus e Seu povo é íntima e decidida. {TM 114.5}

“Maravilhosa ligação é vista entre o universo do Céu e este mundo. As coisas reveladas a Daniel foram mais tarde completadas pela revelação feita a João na ilha de Patmos. Estes dois livros devem ser cuidadosamente estudados. Duas vezes indagou Daniel: Quanto falta para o fim do tempo? ‘Eu pois, ouvi, mas não entendi: Por isso eu disse: Senhor meu, qual será o fim destas coisas? E Ele disse: Vai, Daniel, porque estas palavras estão fechadas e seladas até ao tempo do fim. Muitos serão purificados, e embranquecidos e provados; mas os ímpios procederão impiamente, e nenhum dos ímpios entenderá, mas os sábios entenderão. E desde o tempo em que o contínuo sacrifício for tirado e posta a abominação desoladora, haverá mil duzentos e noventa dias. Bem-aventurado o que espera e chega até mil trezentos e trinta e cinco dias. Tu, porém, vai até ao fim; porque repousarás e estarás na tua sorte, no fim dos dias.’ {TM 114.6}

“Foi o Leão da tribo de Judá que abriu o livro, e deu a João a revelação do que deve acontecer nestes últimos dias. {TM 115.1}

“Daniel ficou na sua sorte para dar seu testemunho, que foi selado até ao tempo do fim, quando devia ser proclamada ao mundo a mensagem do primeiro anjo. Esses assuntos são de infinita importância nesses últimos dias; mas enquanto ‘muitos serão purificados, e embranquecidos, e provados’, ‘os ímpios procederão impiamente, e nenhum dos ímpios entenderá’. Como isso é verdade! O pecado é a transgressão da lei de Deus; e os que não aceitarem a luz com relação à lei de Deus, não compreenderão a proclamação da primeira, segunda e terceira mensagens angélicas. O livro de Daniel é descerrado na revelação a João, e nos transporta para as últimas cenas da história da Terra. {TM 115.2}

“Terão nossos irmãos em mente que estamos vivendo em meio aos perigos dos últimos dias? Lede Apocalipse em conexão com Daniel. Ensinai essas coisas. {TM 115.3}

### “Forças invencíveis aguardam

“Os que comem a carne e bebem o sangue do Filho de Deus, trarão dos livros de Daniel e Apocalipse verdade inspirada pelo Espírito Santo. Porão em ação forças que não podem ser reprimidas. Os lábios das crianças se abrirão para proclamar os mistérios que têm sido ocultados à mente dos homens. {TM 116.1}

“Estamos no limiar de grandes e solenes acontecimentos. Muitas das profecias estão prestes a se cumprir em rápida sucessão. Cada elemento de energia está prestes a ser posto em ação. Repetir-se-á a história passada. Antigas controvérsias serão revividas, e perigos rodearão de todos os lados o povo de Deus. A tensão está se apoderando da família humana. Está permeando tudo na Terra. ... {TM 116.2}

“Estudai o Apocalipse em ligação com Daniel; pois a história se repetirá. ... Nós, com todas as nossas vantagens religiosas, deveríamos conhecer hoje muito mais do que conhecemos. {TM 116.3}

“Anjos desejam contemplar as verdades reveladas ao povo que com coração contrito está examinando a Palavra de Deus, e orando por maiores extensões e amplitudes e profundezas e alturas do conhecimento que somente Ele pode dar. {TM 116.4}

“Ao nos aproximarmos do fim da história deste mundo, devem as profecias relativas aos últimos dias exigir especialmente nosso estudo. O último livro dos escritos do Novo Testamento, está cheio de verdade que precisamos compreender. Satanás tem cegado o espírito de muitos de modo que se têm contentado com qualquer escusa por não tornarem o Apocalipse motivo de seu estudo. Mas Cristo, por intermédio de Seu servo João declara aqui o que será nos últimos dias; e Ele diz: ‘Bem-aventurado aquele que lê, e os que ouvem as palavras desta profecia, e guardam as coisas que nela estão escritas.’ {TM 116.5}

“Os livros de Daniel e Apocalipse deviam ser encadernados juntos e publicados. Algumas explicações de certas porções podem ser aduzidas, mas não estou certa de que seriam necessárias. {TM 117.1}

“Esta foi a sugestão que fiz ao Pastor Haskell e que resultou no livro por ele publicado. A necessidade não foi satisfeita por este livro. Era minha idéia ter os dois livros encadernados juntos, Apocalipse seguindo a Daniel, oferecendo mais ampla luz sobre os assuntos apresentados em Daniel. O alvo é unir esses livros, mostrando que ambos se relacionam com os mesmos assuntos. {TM 117.2}

“Deve ser apresentada uma mensagem que desperte as igrejas. Todo esforço deve ser envidado para esclarecer não somente nosso povo, mas o mundo. Fui instruída de que as profecias de Daniel e Apocalipse devem ser impressas em livros pequenos, com as necessárias explicações, e devem ser enviados por todo o mundo. Nosso próprio povo necessita de que a luz seja colocada diante dele em linhas mais claras. {TM 117.3}

“A visão que Cristo apresentou a João, apresentando os mandamentos de Deus e a fé de Jesus, deve ser definitivamente proclamada a todas as nações, povos e línguas. As igrejas que são representadas por Babilônia, são apresentadas como tendo caído de seu estado espiritual para se tornarem um poder perseguidor contra os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus Cristo. Esse poder perseguidor é representado a João como tendo chifres de cordeiro mas falando como dragão. ... {TM 117.4}

“Ao nos aproximarmos do fim do tempo, haverá maiores e sempre maiores demonstrações externas do poder pagão; deuses pagãos revelarão seu assinalado poder e se exibirão diante das cidades do mundo. E este plano já começa a cumprir-se. Por uma variedade de imagens representou o Senhor Jesus a João o caráter ímpio e a influência sedutora dos que se têm distinguido por sua perseguição ao povo de Deus. Todos carecem de sabedoria para pesquisar cuidadosamente o mistério da iniquidade que aparece tanto na finalização da história da Terra. ... No próprio tempo em que vivemos, o Senhor chamou Seu povo e encarregou-o de proclamar uma mensagem. Chamou-o para expor a maldade do homem do pecado que fez da lei dominical um poder distintivo, que tem cuidado em mudar os tempos e a lei e em oprimir o povo de Deus que permanece firme para honrá-Lo pela observância do único sábado verdadeiro, o sábado da criação, como sendo santo ao Senhor. {TM 117.5}

“Os perigos dos últimos dias estão sobre nós, e por nosso trabalho devemos advertir o povo do perigo em que está. Não deixeis que as cenas solenes que a profecia tem revelado sejam deixadas por tocar. Se nosso povo estivesse meio desperto, se reconhecesse a proximidade dos acontecimentos descritos no Apocalipse, operar-se-ia uma reforma em nossas igrejas, e muitos mais creriam na mensagem. Não temos tempo a perder; Deus apela para que vigiemos pelas almas como aqueles que devem dar contas. Promovei novos princípios e entremeai a evidente verdade. Será como uma espada de dois gumes. Mas não sejais prontos demais a assumir uma atitude de controvérsia. Há ocasiões em que devemos ficar quietos e ver a salvação de Deus. Deixemos que Daniel fale, que fale o Apocalipse e digam a verdade. Mas seja qual for o aspecto do assunto apresentado, elevai a Jesus como o centro de toda a esperança, ‘a Raiz e a Geração de Davi, a resplandecente Estrela da Manhã’. {TM 118.1}

### “Cavai mais fundo

“Não nos aprofundamos suficientemente em nossa busca da verdade. Toda alma que crê na verdade presente será levada onde dela se requererá que dê a razão da esperança que nela há. Exigir-se-á do povo de Deus que se levante diante de reis, príncipes, legisladores e grandes homens da Terra, e estes devem saber que eles sabem o que é a verdade. Devem ser homens e mulheres convertidos. Deus pode ensinar-vos mais em um momento pelo Seu Santo Espírito, do que poderíeis aprender com os grandes homens da Terra. O Universo está contemplando a controvérsia que se desenrola na Terra. A um custo infinito, tem Deus provido para cada homem a oportunidade de conhecer aquilo que o tornará sábio para a salvação. Quão ansiosamente olham os anjos para ver quem se aproveitará dessa oportunidade! Quando uma mensagem é apresentada ao povo de Deus, não se deve este levantar em oposição a ela; devem ir à Bíblia, comparando-a com a lei e o testemunho, e se não suportar a prova, não é verdadeira. Deus deseja que nossa mente se expanda. Deseja dar-nos Sua graça. Poderemos ter um banquete de boas coisas cada dia; pois Deus pode abrir para nós todo o tesouro dos Céus. — *The Review and Herald*, 18 de Fevereiro de 1890.” {TM 119.1}.